

**UMBUNDU & PORTUGUÊS:  
UMA PEDAGOGIA PREVENTIVA**



**ESTUDO COMPARADO DE ALGUNS ASPECTOS DA  
MORFOLOGIA E DA SINTAXE DO UMBUNDU E DO  
PORTUGUÊS NA PERSPECTIVA DE UMA PEDAGOGIA  
PREVENTIVA NO ENSINO DO PORTUGUÊS COMO L2**

Paulo Churra Gongu Joaquim e Sara Luís



**EDITORA  
DAS LETRAS**

**UmbUndU & PortUgUês:  
Uma Pedagogia Preventiva**

**ESTUDO COMPARADO DE ALGUNS ASPECTOS DA  
MORFOLOGIA E DA SINTAXE DO UMBUNDU E DO  
PORTUGUÊS NA PERSPECTIVA DE UMA PEDAGOGIA  
PREVENTIVA NO ENSINO DO PORTUGUÊS COMO L2**

Paulo Chuva Gongga Joaquim e Sara Luís

## **EDITORA DAS LETRAS**

### **TÍTULO**

ESTUDO COMPARADO DE ALGUNS ASPECTOS DA MORFOLOGIA E DA SINTAXE DO UMBUNDU E DO PORTUGUÊS NA PERSPECTIVA DE UMA PEDAGOGIA PREVENTIVA NO ENSINO DO PORTUGUÊS COMO L2

### **AUTORES**

Paulo Chuva Gonguoa Joaquim Sara  
Luís

**COORDENADOR EDITORIAL** António  
Chamuhongo

### **EDITORA**

Editora das Letras

### **PRÉ-IMPRESSÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO**

GestGráfica, S.A.

### **ANO / EDIÇÃO / TIRAGEM**

2015 / 1.ª Edição / 1.050 Ex.

Registado na Biblioteca Nacional de Angola sob o n.º 7260/2015  
ISBN 978-989-762-132-1



**EDITORA  
DAS LETRAS**

*"Pensando o futuro"*

Rua Kwamme Nkrumah, n.º 252  
Maianga, Luanda – Angola

E-mail: [geral@editoradasletras.com](mailto:geral@editoradasletras.com) Tel.:  
+244 916 525 080  
[www.editoradasletras.com](http://www.editoradasletras.com)

### **© 2015 EDITORA DAS LETRAS**

Reservados todos os direitos. É proibida a reprodução desta obra por qualquer meio (fotocópia, offset, fotografia, etc.) sem o consentimento escrito da editora, abrangendo esta proibição o texto, a ilustração e o arranjo gráfico. A violação destas regras será passível de procedimento judicial, de acordo com o estipulado no Código dos Direitos de Autor.

### **Excerto de Reflexão**

*«... Não se trata de ensinar “sempre mais”, mas de ensinar de outro modo». O importante é ensinar a aprender, acompanhar o aluno na construção dos seus conhecimentos, fornecer-lhe instrumentos metodológicos para se tornar verdadeiramente autónomo...»*

**Jean Louis Périer, citado por Figueiredo (2005:121)**



## **Agradecimentos**

Agradecemos acima de tudo, a Deus, pelo dom da vida e saúde, concedeu-nos forças e vigor por todo tempo durante este trabalho intenso e assim pudesse chegar a seu termo;

Agradecemos ao Dr. Agnelo Carrasco, nosso professor, figurino da nossa formação (na sala 1 - Lar dos estudantes), no seu tom vibrante...;

Agradecemos à Doutora Riikka Halme, por nos ter mostrado a vereda da Linguística Bantu;

Agradecemos ao Doutor Ventura Hatewa pelo apoio inefável de patrocínio, fazendo com que nascesse esta obra;

Agradecemos ao Kufuima nosso amigo...;

Os nossos agradecimentos vão a todos que, directa ou indirectamente deram sua contribuição para a efectivação desta obra.



## **Dedicatórias**

À querida Tiotela, minha esposa e compaheira;  
Aos filhinhos: Pagiél, Jaziél, Adalgiza e Gidel; À  
querida Chamile, minha mãe.

Aos meus filhos:  
Beth, Edgar, Dolores, Lizeth, Paula e Nino; Aos  
meus pais: José e Paulina.





**Paulo Chuva Gongga Joaquim**

Nascido aos 06 de Agosto de 1974, Natural do Lubango, Província da Huíla. Casado, Residente no Lubango, Bairro Comandante Cow-Boy.

Licenciado em Ciências da Educação - Especialidade: Linguística/ Português (2008) e Mestre em Teoria e Desenvolvimento Curricular (2014).

Professor de Língua Portuguesa e Umbundu no Magistério Primário do Lubango – Nambambi “MPL-N”, leccionando a Disciplina de Língua Umbundu no Instituto Superior Politécnico Independente “ISPI”.

Com 25 anos de experiência docente, ensinando a Língua Portuguesa, Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Língua Umbundu.

É Coordenador das Línguas Nacionais do “MPL-N” e Formador Provincial no Âmbito do Sistema da Reforma Educativa para o Ensino Primário. Formado em Projecto de «Consolidação dos Sistemas Educativos»

PALOP; Prelector nas XVII Jornadas Científico-Pedagógicas do “ISCEDHuíla (2012) e Palestrante na I e II Jornadas Científicas de Ciências da Educação do Instituto Superior Politécnico Independente “ISPI” (2014 e 2015), com temáticas ligadas ao ensino da Língua Umbundu.





**Sara Luís**

Nascida ao 14 de Abril de 1964, natural de Caluquembe, província da Huíla. Licenciada em Linguística/Português no ISCED do Lubango (2008).

Frequentou, no Centro de Formação de Quadros, o Seminário de Formação de Formadores para a 5ª classe, no Âmbito da Reforma Educativa (2007). Com 33 anos de experiência docente, ensinando a Língua Portuguesa.

Actualmente, é formadora e supervisora provincial do Sistema da Reforma Educativa do Ensino Primário.



## Prefácio

Ao longo dos anos, e já são muitos, tenho-me perguntado que destinos levam (deveriam levar) alguns dos Trabalhos de Fim de Curso que sancionam os cursos de licenciatura do ISCED – Lubango, após todo o percurso de elaboração e defesa.

Meia dúzia desses trabalhos, com alguma relevância para os mais antigos, contêm contributos muito válidos para o processo docente-educativo em Angola, em particular, mas também para domínios científicos mais gerais. Não tenho, porém, memória de que algum deles, cumprido o fim imediato a que se destinou, tenha tido outro aproveitamento, qual seja o de ser publicado para apoio de muitos que, se o conhecessem, o teriam como útil e oportuno (Refiro-me, obviamente, àqueles trabalhos disso merecedores!)

Quero, hoje, ser optimista e acreditar que, finalmente, um desses trabalhos teve esse desejado destino e mereceu publicação. Refiro-me ao “Estudo comparado de alguns aspectos da Morfologia e da Sintaxe do Umbundu e do Português na perspectiva de uma pedagogia preventiva no Ensino do Português como L2”, que, em 2008, foi apresentado e defendido por Paulo Chuva e Sara Luís.

Ao longo de mais de quatro anos, isto é, desde o seu ingresso até a sua saída do ISCED/ Lubango, partilhei com estes autores opiniões, saberes e experiências. Foi esse o tempo em que as nossas presenças diariamente se encontravam. São, portanto, pessoas familiares, tanto que outra forma de tratamento nunca lhes dei, senão o tu. Aliás assim o faço, sempre o fiz, com todos os meus alunos.

Saber hoje que o seu esforço, a sua entrega acabam compensados também por esta publicação e partilhar da sua alegria por isto, é sentir-me, eu mesmo, em certa medida, recompensado.

Sem que as tivesse procurado, ocorrem-me, neste momento, as palavras de uma colega de ofício, quando, há alguns anos, dirigindo-se a um amigo comum, no momento do lançamento de um livro deste, dizia: - Tu já não morres!

Na verdade, a Sara e o Paulo vão ficar através deste livro!

O ensino do Português faz-se hoje, na maioria dos casos, ao saber de cada momento e muito ao sabor da intuição de cada um, isto é, determinado pela deriva do que cada professor sabe... ou julga saber. Quero dizer que, praticamente já se não reflecte sobre as distintas situações de aprendizagem, para, em consonância, organizar os melhores métodos de ensino: o ensino, hoje, é rotineiro, repetitivo. Chamo a isto acomodação!

Em certa medida, este problema é (re) posto neste livro. Daquí o reavivar da Pedagogia Preventiva.

Mas é, a este propósito, legítima a pergunta: Quantos professores de Português sabem o que é a Pedagogia Preventiva, quando dela ouvem falar? É certo que, no trabalho dos dois autores, nunca há uma definição explícita, mas nalguns momentos ela está subjacente. O leitor inteligente tirará ilções.

O que a Pedagogia Preventiva tem de próprio é a antecipação que faz do erro, para o evitar. Em casos de coabitação linguística, como o tratado neste livro, é frequente que a realização de uma língua seja afectada pelos hábitos de uma outra de aquisição anterior. Nesta situação de aprendizagem, a analogia costuma explicar certos decalques de construções, pronúncias, etc.

Ora, a Pedagogia Preventiva não espera que isso ou o erro aconteça, para poder corrigi-lo. Evita-o.

Ao método de partir do erro chama-se Pedagogia do Erro. Sem negar, aliás, tendo até a certeza de que este é um método com vantagens, temos, neste trabalho, uma proposta metodológica diferente.

Para a aplicar há que considerar o pressuposto de quem ensina uma língua (neste caso, o Português) em situações de bilinguismo, deve conhecê-la bem, mas também conhecer o bastante da outra (L1), sobre a qual o pensamento do aprendente se vai estruturar, por decalque. Os exercícios de análise contrastiva ou comparativa cabem ao professor!

O posicionamento dos autores assenta nestas premissas. Concorde-se ou não com eles, são sempre pontos de vista que não é demais conhecer, mesmo para cada um poder construir a sua própria visão do problema.

Por isso, é recomendável que todos os que ensinam Português, em diferentes níveis, leiam este trabalho. Só terão a ganhar com isso!

#### O Doutor Agnelo Carrasco

#### Resumo

O tema deste trabalho versa sobre: Estudo comparado de alguns aspectos da morfologia e da sintaxe do umbundu e do português na perspectiva de uma pedagogia preventiva no ensino do português como L2.

Para este trabalho tivemos os seguintes objectivos: identificar diferenças e semelhanças entre os dois sistemas linguísticos; identificar algumas interferências do umbundu na prática do português e propor aos professores de Língua Portuguesa algumas pistas para a aplicação de uma pedagogia preventiva.

No que diz respeito a metodologia, utilizamos: consulta bibliográfica; recurso à nossa experiência docente e ao conhecimento que temos da língua umbundu.

Do estudo comparado de alguns aspectos da morfologia e da sintaxe do umbundu e do português, ressaltamos:

- O sistema de classes nominais através de morfemas de natureza prefixal (prefixos nominais) como a principal característica que distingue a morfologia e a sintaxe do umbundu da do português. Esta distinção é que determina as regras de concordância e de funcionamento das palavras dentro da frase.

Apresentamos ainda, algumas propostas para a aplicação da pedagogia preventiva no ensino do português com algumas sugestões de trabalho para prevenir o professor de diversas construções interferidas.

Entretanto, neste trabalho procuramos dar uma ideia de algumas particularidades da morfologia e da sintaxe do umbundu e do português, tentando fazer uma análise do fenómeno do contacto de línguas que caracteriza a sociedade angolana.

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	19
-------------------------	----

### **CAPÍTULO I**

<b>Situação sociolinguística de Angola</b> .....	23
1.1. O Mosaico linguístico angolano .....	25
1.2. O Grupo etnolinguístico dos ovimbundu .....	27
1.3. O ensino das línguas nacionais e do português em Angola .....	27
1.4. Interferências .....	29

### **CAPÍTULO II**

<b>Estudo comparado de alguns aspectos da morfologia e da sintaxe do umbundu e do português</b> .....	31
2.1. Aspectos Morfológicos .....	33
2.1.1. Classes de Palavras .....	33
2.1.1.1. Nomes .....	34
2.1.1.1.2. Expressões locativas .....	46
2.1.1.2. Adjectivos .....	48
2.1.1.2.1. Concordância do adjectivo com o nome .....	49
2.1.1.3. Pronomes .....	51
2.1.1.3.1. Pronomes pessoais .....	52
2.1.1.3.2. Pronomes possessivos .....	55
2.1.1.3.3. Pronomes demonstrativos .....	57
2.1.1.4. Numerais .....	59
2.1.1.4.1. Numerais cardinais .....	59
2.1.1.4.2. Numerais ordinais .....	60

2.1.1.5. Verbos .....	62
2.1.1.5.1. Estrutura .....	63
2.1.1.5.2. Verbos reflexivos e recíprocos .....	67
2.2. Aspectos Sintáticos .....	70
2.2.1. Ordem básica das palavras .....	70
2.2.2. Frases interrogativas .....	71
2.2.2.1. Morfemas interrogativos .....	71
2.2.2.2. Frases sem morfema interrogativo .....	72
2.2.3. Voz activa e voz passiva .....	73
2.2.4. Frases copulativas .....	75
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b>Reflexões didáctico-metodológicas .....</b>	<b>77</b>
3.1. Propostas para a Aplicação da Pedagogia Preventiva no Ensino do Português .....	79
3.1.1. Sugestões de um plano de aula .....	81
<b>CAPÍTULO IV</b>	
<b>Conclusões .....</b>	<b>87</b>
4.1. Conclusões .....	89
Bibliografia .....	91
Anexos .....	97





# INTRODUÇÃO



## INTRODUÇÃO

Este trabalho versa sobre as relações entre as línguas nacionais angolanas e o português e incide sobre as relações deste com o umbundu.

Cada língua é um sistema, isto é, um conjunto de elementos que se articulam e se combinam, funcionando segundo determinadas regras. Por isso, o umbundu tem as suas particularidades morfossintáticas que o distinguem do português.

Mas a coabitação de ambos tem provocado fenómenos de transferências e de interferências no português que se refletem no uso quotidiano desta língua e repercurtem, por força disto, no exercício pedagógico. Estes factos determinam-nos a fazer o estudo comparado de alguns aspectos da morfologia e da sintaxe do umbundu e do português na perspectiva de contribuir para melhoria do ensino desta última língua.

Os motivos por que o fizemos são os seguintes:

- Da coabitação de duas línguas, resultam algumas interferências. Daqui que o falante do umbundu (L1) e do português (L2) transfira os hábitos linguísticos de um sistema para o outro. Em função disto, queremos reflectir sobre alguns resultados desta coabitação linguística, na perspectiva de sugerir ao professor de português algumas pistas metodológicas para a aplicação de uma pedagogia preventiva com vista ao aperfeiçoamento do domínio da L2 como base do processo de ensino-aprendizagem.
- A inexistência de um estudo comparado da estrutura das duas línguas que possa ajudar o professor de português a preparar e a executar as suas aulas.

Portanto, este estudo foi desenvolvido em quatro capítulos, nomeadamente:

**I - Situação Sociolinguística de Angola**, onde falamos do mosaico linguístico angolano e do grupo etnolinguístico ovimbundu, do ensino das línguas nacionais e do português bem como de uma abordagem geral sobre interferências;

**II - Estudo comparado de alguns aspectos da morfologia e da sintaxe do umbundu e do português**, ressaltando as diferenças entre os dois sistemas por meio de pequenos quadros comparativos, seguidos de exemplos concretos de construções de frases interferidas, onde a maior parte dos exemplos dados em umbundu são de nossa autoria;

**III - Reflexões didáctico-metodológicas** onde fizemos sugestões de trabalho; diferenças explicitadas em II, para prevenir o professor de diversas construções interferidas; **IV -**

**Conclusões.**

Angola é um país plurilingue. Neste espaço geográfico coabitam línguas bantu e línguas não-bantu. Aquelas apresentam analogias entre si. Nestas incluem-se o português (língua neolatina) e línguas da família san (não- bantu). No conjunto das línguas bantu, destacamos o umbundu, língua falada pelo maior grupo etnolinguístico de Angola, que, sendo um sistema diferente da língua portuguesa, interfere nesta, de tal forma que mesmo falantes de português como LM o realizam à semelhança dos que o têm como L1.

No exercício da nossa actividade docente, vimos constatando, quer no plano oral, quer no plano escrito, a realização do português com marcas do umbundu por parte dos alunos, isto é, português influenciado pela morfologia e pela sintaxe do umbundu. Como consequência disto, levantamos o problema: ***Como ajudar o professor de Língua Portuguesa a melhorar a influência que o umbundu exerce sobre o ensino-aprendizagem do português nos alunos utentes do umbundu como L1 e não só?***

Esta obra assenta em objectivos tais como:

1. Identificar diferenças e semelhanças entre os dois sistemas linguísticos
2. Identificar algumas interferências do umbundu na prática do português.
3. Propor aos professores de Língua Portuguesa algumas pistas para aplicação de uma pedagogia preventiva.

No que diz respeito à metodologia, utilizamos:

- Consulta bibliográfica;
- Recurso à nossa experiência docente e ao conhecimento que temos da língua umbundu;



# CAPÍTULO I

SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DE ANGOLA



## CAPÍTULO I – SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DE ANGOLA

### 1.1. O Mosaico Linguístico Angolano

No que respeita à situação linguística, pode-se dizer que Angola é um país plurilingue, dado que, no mesmo espaço geográfico, coabitam línguas pertencendo à família bantu, como o umbundu, o kimbundu, o cokwe, o kikongo, o oshiwambo, o ngangela e o nyaneka-nkhumbi; e línguas não-bantu, nomeadamente as línguas san que pertencem à família khoisan às quais se junta o português, língua neolatina, hoje adoptado como língua oficial e de comunicação entre angolanos e com o exterior.

Estima-se actualmente que a população angolana oscila em 24,3 milhões de habitantes, resultados preliminares do censo 2014, com referência à data de 16 de Maio de 2014, distribuídos principalmente por oito principais grupos etnolinguísticos, com os seus subgrupos e respectivas línguas e dialectos.

No domínio das línguas bantu, segundo Fernandes e Ntongo e Lusakalalu, são oito as principais línguas, a que correspondem outros tantos grupos etnolinguísticos:

#### a) Grupo Etnolinguístico Bakongo

Este grupo ocupa o território de Cabinda, Zaire e Uíge. A língua falada pelo grupo bakongo é o *kikongo*, que cobre uma boa parte da região nordeste do país.

Esta língua apresenta mais ou menos 18 variantes

#### b) Grupo Etnolinguístico Ambundu

Este grupo vive numa grande extensão do território nacional, localizado nas províncias de Luanda, Bengo, Malange e Kuanza Norte e tem como língua o *kimbundu*. E apresenta mais ou menos 15 variantes.

#### c) O Grupo Etnolinguístico Tucokwe

Este grupo cobre uma parte significativa do país nas regiões do leste, nordeste até a fronteira sul, depois de ultrapassar o rio Kubango. A língua falada pelo grupo é o *cokwe*, cuja área de difusão abrange a totalidade das províncias das Lundas Norte e Sul e a província do Moxico, com um prolongamento na província do Kwando Kubango.

#### d) Grupo Etnolinguístico Vangangela

O grupo habita em duas grandes regiões, uma situada nas províncias do Moxico e Kwando Kubango na fronteira leste, desde a bacia do rio Zambeze até ao curso do rio Kubango, a outra situa-se no centro do país, nas províncias do Bié e Malange.

A língua deste grupo é o *ngangela*, falada nas províncias do Kwando Kubango, na parte sudoeste da província do Moxico e da província do Bié e na parte leste da província da Huíla. Esta língua apresenta 16 variantes.

### e) Grupo Etnolinguístico Ovanyaneka-Nkhumbi

Este grupo estende-se pelo planalto da Humpata e territórios do curso médio do rio Cunene. A língua falada por este grupo é o **olunyaneka**, com mais ou menos 10 variantes, cuja área de difusão centra-se na província da Huíla, estendendo-se até à província do Cunene, com uma influência nas províncias de Benguela e Namibe.

### f) Grupo Etnolinguístico Ovahellelo

Este grupo vive no extremo sudoeste de Angola, na orla do deserto do Namibe. A língua falada é o **oshihelelo**, com 6 variantes, cuja área de difusão abrange as províncias do Cunene e do Namibe.

### g) Grupo Etnolinguístico Ovakwanyama

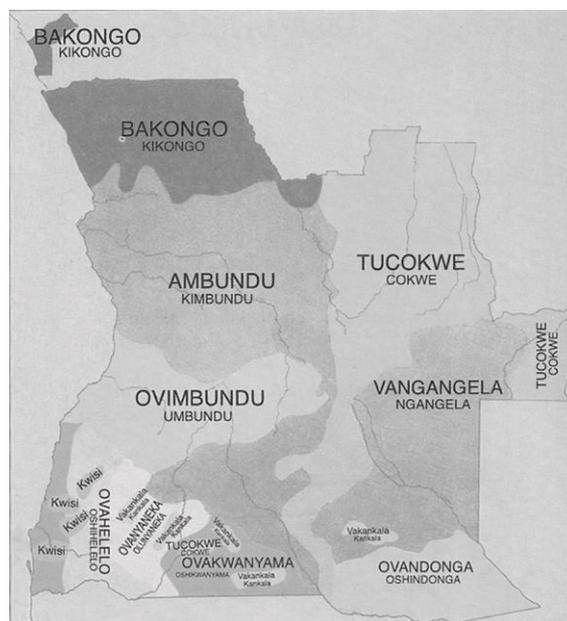
Este ocupa um vasto território nas planícies ao longo e ao meio da fronteira sul de Angola. A língua deste grupo é a **oshikwanyama**, falada na província do Cunene, com uma influência notável a norte da Namíbia, onde é tida como uma das línguas maioritárias.

### h) Grupo Etnolinguístico Ovimbundu

O grupo ovimbundu estende-se por um vasto território a meio da metade oeste de Angola, concretamente nas províncias do Huambo, Bié, Benguela, K. Sul e Huíla.

A língua falada por este grupo é o **umbundu**, apresentando as seguintes variantes: ambwi, cisanje, kakonda, lumbu, mbalundu, mwanha, ndombe, nganda, sambu, sele, sumbi, viye, cikuma e wambu.

## Mapa dos Grupos Etnolinguísticos de Angola



\* In Instituto de Geodesia e Cartografia de Angola, *Mapa Etnolinguístico de Angola* (adaptado).

## 1.2. O Grupo Etnolinguístico dos Ovimbundu

Em termos de volume de população e de representatividade étnica, o Planalto Central de Angola equivale geograficamente à região hoje ocupada pelos ovimbundu. Estes actualmente «constituem mais de cinco milhões e quinhentos mil (5.500.000) habitantes, isto é, mais de 1/3 do total do volume actual da população angolana, equivalente a 30.79%» (Malundu, 2001:60).

No que diz respeito à sua dispersão, os ovimbundu encontram-se numerosamente espalhados por outras regiões do país. É o caso da sua numerosa presença nas regiões do norte e do nordeste do país e nas cidades e respectivos arredores de Luanda, Lubango, Namibe, Uíge e Menongue.

Em termos de diáspora, os ovimbundu encontram-se também em países vizinhos e limítrofes, dentre os quais a Zâmbia, a República Democrática do Congo, a Suazilândia, a África do Sul e a Namíbia. É igualmente significativa a presença dos ovimbundu em países europeus, como Portugal e França, e americanos, como Brasil e Estados Unidos da América, países onde se calcula que os ovimbundu constituam mais de metade dos angolanos que se instalaram e fixaram de modo definitivo, na sequência da deportação humana do período da escravatura e da guerra de libertação do período colonial, assim como da recente guerra civil e dos conflitos que se seguiram à independência e ainda como emigrantes voluntários.

O termo bantu é a forma plural da palavra que significa «homem», composto do classificativo plural ba- e do tema nominal -ntu. Este constitui o termo comum dos povos bantu (banthu ou vanthu), onde o umbundu também se insere. Trata-se de povos que têm semelhanças linguísticas com bastantes traços comuns, o que mostra a sua antiquíssima origem, não só de uma raiz linguística comum, mas também de uma origem étnica casualmente mais próxima em relação aos demais povos, cobrindo um território de quase 22 países africanos, (Kukanda, 1986:5).

Enquanto o termo ovimbundu, como já dissemos, nomeia o povo em si, a língua falada por este povo, é o umbundu.

## 1.3. O Ensino das Línguas Nacionais e do Português em Angola

O português era a única língua oficial da colónia portuguesa de Angola. A política portuguesa de ensino teve como objectivo a imposição da língua portuguesa em detrimento das línguas locais. Consequentemente o ensino era feito em português. A aplicação prática deste tipo de política linguística foi apoiada por uma vigilância cada vez mais acentuada da polícia portuguesa – PIDE, que via na utilização de qualquer uma das línguas locais, ou mesmo de vestuário local, pelos «assimilados», atitudes subversivas (Mingas, 2000:48). Na escola primária, a única língua ensinada era o português, à excepção das escolas dirigidas por missionários, onde uma língua local podia ser usada como meio de ajuda na aprendizagem do português. Aprendia-se também o francês e o inglês no ensino liceal e universitário. Por estes dados, pode-se ver, claramente, como os angolanos tinham a possibilidade de mais facilmente conhecerem uma língua estrangeira do que uma local.

O ensino não era nem gratuito nem obrigatório, o que dificultou o acesso da maioria dos angolanos à escola. Embora o país estivesse claramente dominado pela língua portuguesa, o povo continuava a falar as suas línguas.

Agostinho Neto, no seu discurso proferido no acto de tomada de posse do cargo de presidente geral da União dos Escritores Angolanos, a 24 de Novembro de 1977, disse: «O uso exclusivo da Língua Portuguesa, como Língua oficial, veicular e utilizável na literatura não resolve os nossos problemas. E tanto no ensino primário, como provavelmente no médio, será preciso utilizar as nossas línguas.»

De acordo com Kukanda (p.81, 1986) o I congresso do MPLA, em 1977, deu um passo decisivo ao decidir incrementar o estudo das Línguas Nacionais com vista a sua aplicação na alfabetização. E esta é uma das decisões saídas da Assembleia Nacional, (Diário da República de Angola, Cap.II, Art. 9º, Ano 2001, I Série). Assim foi criada uma organização especializada, o Instituto Nacional de Línguas, encarregada de fazer investigações sobre a situação linguística do país, respeitante às línguas locais. Criado em 1979, este torna-se Instituto de Línguas Nacionais, em 1983.

Temos ainda a considerar o discurso do Presidente da República, José Eduardo dos Santos, proferido por ocasião do terceiro simpósio sobre a Cultura Nacional de 11 de Setembro de 2006: «Uma atenção especial deve ser dada às diversas línguas faladas em Angola, pois é através delas que se estabelecem as formas de comunicação e de integração das populações no todo nacional. Devemos ter a coragem de assumir que a Língua Portuguesa, adoptada desde a independência como língua oficial do país e que já é hoje a língua materna de mais de um terço dos cidadãos angolanos, se afirma tendencialmente como uma língua de dimensão nacional em Angola. Isto não significa de maneira nenhuma, bem pelo contrário, que nos devemos alhear da preservação e constante valorização das diferentes Línguas Africanas de Angola, até aqui designadas de «línguas nacionais» talvez indevidamente, pois quase nunca ultrapassam o âmbito regional. Sabemos que uma língua não é apenas um veículo de comunicação entre os membros de uma comunidade, mas envolve todo um património de conhecimentos e formas culturais transmitido ao longo de séculos e que se perderia se ela deixasse de ser falada. Impõe-se por essa razão que se dê um estatuto científico às diversas línguas no nosso país e que as mesmas sejam introduzidas nos programas de ensino e nos órgãos de comunicação social das regiões em que são faladas para permitir a vigência na actualidade e a transmissão às gerações futuras da riqueza humana e moral que lhes está associada.»

Portanto, vemos que a preocupação com o ensino das línguas nacionais é antiga, mas apesar disso, muito pouco se fez. Fala-se actualmente da implementação do ensino de algumas línguas nas escolas primárias do país (Currículo do Ensino Secundário, INID, 2005-8), no âmbito da Reforma Educativa aprovada pela Assembleia Nacional da República de Angola, (Lei 13/2001 de 31 de Dezembro).

Assim, temos como exemplos, a implementação (experimentação - consolidação) de ensino do Nyaneka, Ngangela e Umbundu na Huíla; o Umbundu, no Huambo, Bié e Benguela; o Kimbundu, em Luanda, Bengo, Kwanza Norte, Malange e outras províncias.

## 1.4. O fenómeno de Interferências

Da coabitação entre duas ou mais línguas, resultam algumas interferências morfológicas, sintácticas, fonéticas, semânticas e lexicais.

Em Angola o português coabita com várias línguas nacionais, maioritariamente de origem bantu, das quais a língua umbundu é uma delas, com particularidades morfológicas e sintácticas diferentes das do português. Por isso, o português é realizado em Angola com um bom número de interferências, notadas não somente nos falantes nativos de uma língua bantu com o português como L2, mas também naqueles falantes de português como L1.

Daí que o falante do umbundu como (L1) e do português como (L2) transfira os hábitos linguísticos daquele para este.

Esta realidade é provada no exercício da nossa actividade docente. Constatamos, quer no plano oral, quer no plano escrito, a realização do português com marcas do umbundu, por parte dos nossos alunos.

Verifica-se a nível morfológico, por exemplo, a inexistência de artigos e distinção dos nomes em classes através de morfemas de natureza prefixal diferentes que determinam o número e regulam a concordância.

**Exemplos:**



Resultando daí a expressão:



Barros ainda acrescenta que, a nível sintáctico verifica-se a rigidez da ordem dos constituintes da frase SVO (sujeito, verbo, objecto), tanto nas frases declarativas como nas interrogativas. Daí frases como estas:



Para além de Barros, Amélia Mingas também faz referência à interferências morfossintáticas, lexicais, e fonéticas.

Em resumo, os alunos das escolas públicas do Ensino de Base, do I Ciclo até mesmo do II Ciclo, apresentam algumas dificuldades na aprendizagem do Português Padrão Europeu, por interferências das línguas bantu que se manifestam do ponto de vista morfológico; devido à adaptação duma língua do tipo aglutinante para uma flexional; sintático com a passagem do discurso oral para o escrito, etc. (Barros, 2002:41).

O nosso trabalho trata do estudo comparado de alguns aspectos da morfologia e da sintaxe entre duas línguas, nomeadamente uma românica, o português e outra bantu, o umbundu. Estas línguas, como nós podemos constatar, apresentam algumas diferenças nos aspectos acima referidos.

Em função disso, queremos mostrar que só conhecendo as características das línguas bantu e do umbundu em estudo, o professor de Língua Portuguesa poderá promover uma pedagogia preventiva para desenvolver a (L2) como base do processo de ensino-aprendizagem.

# CAPÍTULO II

ESTUDO COMPARADO DE ALGUNS ASPECTOS  
MORFOLÓGICOS E SINTÁCTICOS DO  
UMBUNDU E DO PORTUGUÊS



## CAPÍTULO II - ESTUDO COMPARADO DE ALGUNS ASPECTOS MORFOLÓGICOS E SINTÁCTICOS DO UMBUNDU E DO PORTUGUÊS<sup>1</sup>

### 2.1. Aspectos Morfológicos

#### 2.1.1. Classes de Palavras

Classes de palavras encontram-se em qualquer língua. Em umbundu também. Porém, com um aspecto muito particular que é a distinção dos nomes em classes nominais para mostrar a natureza das palavras. Esta é a principal característica que distingue a morfologia e a sintaxe do umbundu da do português. Esta distinção é que vai determinar as regras de concordância e de funcionamento das palavras dentro da frase: será a sequência lógica da ordem gramatical, isto é, da construção frásica.

Em português, vemos que cada palavra pertence a uma dada classe, isto é, a um conjunto que engloba todas as palavras que se podem substituir umas às outras no mesmo lugar da frase, fazendo com que o sentido da frase mude, porém, a estrutura não.

Exemplos:

ARTIGO	PRON. POSS.	NOME	VERBO	ADJECTIVO
<i>O</i>	<i>meu</i>	<i>cão</i>	<i>está</i>	<i>velho</i>
<i>Os</i>	<i>vossos</i>	<i>cães</i>	<i>estão</i>	<i>velhos</i>
<i>A</i>	<i>nossa</i>	<i>casa</i>	<i>é</i>	<i>grande</i>
<i>O</i>	<i>teu</i>	<i>trabalho</i>	<i>é</i>	<i>difícil</i>

A exemplo do que dissemos sobre classes, conhecem-se dez classes de palavras: *nomes ou substantivos, artigos, adjectivos, pronomes, verbos, numerais, advérbios, preposições, conjunções e interjeições.*

É de salientar que em português a posição das palavras está relacionada com a sua função sintáctica, e o funcionamento sintáctico depende do lugar que cada palavra ocupa em relação ao termo com o qual está articulado.

##### 2.1.1.1. NOMES

Nome é definido como uma palavra variável que se usa para designar seres, coisas, eventos, estados, pessoas.

<sup>1</sup> Bibliografia de Base para este CAPÍTULO: Cunha e Cintra, 1999; Figueiredo, 2005; Mingas, 2000; Ngunga, 2004; Ntongo, 2006;

Por exemplo:

*Pedro, mesa, bondade, cavalo, etc.*

### O mesmo acontece na língua umbundu.

Exemplos:

<i>Onjo</i>	=	casa
<i>Uti</i>	=	árvore; pau
<i>Omunu</i>	=	pessoa
<i>Epito</i>	=	porta
<i>Suku</i>	=	Deus
<i>Marko</i>	=	Marcos
<i>Yoano</i>	=	João

Os nomes em português variam em género e número. Existem dois géneros: **masculino** e **feminino**.

São masculinos, os nomes a que se podem antepor os artigos: *o, os, um, uns*.

Exemplos:

*O homem; os livros; um gato; uns vasos.*

São femininos, os nomes a que se podem antepor os artigos: *a, as, uma, umas*.

Exemplos:

*A mulher; as letras; uma planta; umas flores.*

Em qualquer nome português é fácil a determinação do género em que se encontra, dando atenção a anteposição do artigo ou de outro determinante: esta mulher; aquelas letras; esse homem.

Em umbundu não existe género, e as palavras que referem masculino ou feminino indicam-no do ponto de vista semântico.

Exemplos:

<i>Ulume</i>	=	homem
<i>Ukãĩ</i>	=	mulher
<i>Ukwenje</i>	=	rapaz
<i>Ufeko</i>	=	rapariga

Para os animais só se distingue o masculino do feminino quando se declara dizendo: ***Ulume*** (macho) ou ***Ukãĩ*** (fêmea).

Exemplos:

<i>Ombwa yulume</i>	=	cão
<i>Ombwa yukãĩ</i>	=	cadela
<i>Ongombe yulume</i>	=	boi
<i>Ongombe yukãĩ</i>	=	vaca

Existem dois números em português: ***Singular*** e ***Plural***.

O singular designa um ser ou coisa, por exemplo: boi, prato, cadeira, etc. O plural designa vários seres ou coisas, por exemplo: garrafas, mapas, etc.

Portanto, em português a marca do plural é posposta ao nome.

Em umbundu, o morfema do plural é anteposto ao nome, pelo que, os principais morfemas do plural são: ***a, va, ovi, ova, ovo, olo, otu***.

Exemplos:

<i>Afeko</i>	=	raparigas
<i>Vamume</i>	=	irmãos
<i>Oviti</i>	=	árvores
<i>Ovapyá</i>	=	lavra
<i>Ovolu</i>	=	pernas
<i>Olombya</i>	=	panelas
<i>Otulonjo</i>	=	casinhas

**Quadro 1 - Diferenças de Nomes em Género e em Número**

NOMES	PORTUGUÊS	EXEMPLOS	UMBUNDU	EXEMPLOS
GÉNERO	<i>grAmAtiCAL</i>	o homem a casa a mulher o boi a vaca	<b>SEM GÉNERO</b> (ISTO É, SÓ DO PONTO DE VISTA <i>SEMÂNTICO</i> ); <b>EM CLASSES NOMINAIS</b>	ulume/ukäi ongombe yulume/ongombe yukäi
NÚMERO	POR MEIO DE <i>mOrfemAS grAmAtiCAiS</i> POSPOSTOS AO RADICAL	casas canções	POR MEIO DE <i>mOrfemAS</i> ANTEPOSTOS AO TEMA NOMINAL	<b>olonjo</b> <b>ovisungo</b>

Como consequência disto, um falante de umbundu como L1, apesar de conhecer mais ou menos o português, exprime-se geralmente desta maneira.

**Exemplo:**

As árvore <sup>■</sup> secaram	→	As ávores secaram
Os professor <sup>■</sup> estão reunido <sup>■</sup>	→	Os professor <b>es</b> estão reunido <b>s</b>

Em umbundu, os nomes não se anunciam, senão depois de classificados; mesmo os nomes comuns de significação expressa no tema nominal, não dispensam a classificação, excepto os nomes próprios no singular e os que indicam parentesco.

Notamos que, isto é característico nas línguas bantu. E o que mais chamou a nossa atenção, foi a forma sistemática como os nomes se organizam, de acordo com os seus prefixos, de uma forma totalmente diferente da do português. E é esta a forma muito especial de organização dos nomes que vai constituir matéria de estudo e não só.

É de salientar que cada nome pertence a uma classe nominal. Em umbundu podemos encontrar dezoito classes nominais indicadas por um prefixo no nome, como também em adjetivos, e nos verbos que concordam com aquele.

Um mesmo nome pode ter um prefixo nominal no singular e ter outro prefixo nominal no plural. Isto é, a classificação no singular corresponde a outra no plural. Já vimos que em umbundu os nomes não se formulam sem os adicionar à classe. Daí, nasce a pergunta: O que é classe nominal neste contexto? «*O conjunto de nomes com o mesmo **prefixo**, com a mesma **norma de concordância**, chama-se classe nominal.*» (Ngunga, 2004:108).

Tornamos a dizer que as classes nominais em umbundu são dezoito:

### 1 - Classe: U-; Omu-

Os prefixos da classe 1 associam-se ao tema nominal para designar nomes comuns de pessoas, ofícios e naturalidades.

Exemplos:

<i>Ufeko</i>	=	rapariga
<i>Ulume</i>	=	homem
<i>Ukwenje</i>	=	rapaz
<i>Ulongisi</i>	=	professor
<i>Upipi</i>	=	pescador
<i>Usiki</i>	=	tocador
<i>Uviye</i>	=	bieno
<i>Omunu</i>	=	pessoa

### Classe 1a

Esta classe 1a, não tem classificador (prefixo nominal), limitando-se apenas ao tema nominal da palavra. É nesta classe que se englobam todos os nomes próprios e os de parentesco.

## Nomes Próprios

Exemplos:

<i>Suku</i>	=	Deus
<i>Maria</i>	=	Maria
<i>Yosefe</i>	=	José
<i>Mateo</i>	=	Mateus
<i>Yoano</i>	=	João

<i>Mbeteleme</i>	=	Belém
<i>tate</i>	=	pai
<i>ina</i>	=	mãe
<i>nawa</i>	=	conhado(a)
<i>kuku</i>	=	avô/avó

### 2 - Classe: A-; Oma-

O prefixo desta classe 2 forma o plural dos nomes da classe 1 (u-; omu).

Exemplos:

<i>Ukwenje</i>	=	rapazes
<i>Afeko</i>	=	raparigas
<i>Omanu</i>	=	peessoas

### Classe 2a: Va-

O prefixo da classe 2a forma o plural dos nomes da classe 1a.

Exemplos:

<i>va-Suku</i>	=	Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo
<i>vamanji</i>	=	irmãos
<i>vanawa</i>	=	conhados(as)

### 3 - Classe: U-; Omu-

O prefixo desta classe 3, associa-se ao tema nominal para designar qualidades, partes do corpo, árvores, etc.

**Exemplos:**

<i>uwa</i>	=	beleza
<i>utito</i>	=	pequenês
<i>umbyali</i>	=	reinado
<i>utwe</i>	=	cabeça
<i>utanya</i>	=	dia

<i>uteke</i>	=	noite
<i>uti</i>	=	árvore
<i>ulemba</i>	=	sicómoro
<i>ulima</i>	=	ano
<i>utima</i>	=	coração

**4 - Classe: Ovi-**

O prefixo desta classe, é utilizado para formar o plural dos nomes que entram na classe 7 e alguns da classe 3.

**Exemplos:**

<i>Oviti</i>	=	árvores
<i>Ovitwe</i>	=	cabeças
<i>Ovina</i>	=	coisas
<i>Ovitangi</i>	=	problemas
<i>Ovivela</i>	=	ferros

**5 - Classe: E-; I-**

O prefixo desta classe 5, associa-se ao tema nominal para indicar diversas realidades humanas, vegetais, naturais, animais, etc..

**Exemplos:**

<i>eyo</i>	=	dente
------------	---	-------

<i>epya</i>	=	lavra
<i>ekamba</i>	=	amigo
<i>etimba</i>	=	corpo
<i>ekela</i>	=	papa
<i>epungu</i>	=	milho
<i>ekapa</i>	=	batata doce
<i>esulilo</i>	=	fim
<i>ekenda</i>	=	cogumelo
<i>elende</i>	=	nuvem
<i>ekumbi</i>	=	sol
<i>eponde</i>	=	bagre
<i>imo</i>	=	barriga
<i>iso</i>	=	olho
<i>imbo</i>	=	aldeia
<i>ilu</i>	=	céu

## 6 - Classe: A- ; Ova-

Os prefixos desta classe são utilizados para formar o plural dos nomes da classe 5. Pelo que o ova junta-se aos temas monossílabos.

Exemplos:

<i>apako</i>	=	frutos
<i>atimba</i>	=	corpos
<i>akamba</i>	=	amigos
<i>alende</i>	=	nuvens
<i>ovapya</i>	=	lavras
<i>ovaso</i>	=	olhos
<i>ovambo</i>	=	aldeias

## 7 - Classe: Oci-

O prefixo desta classe, associa-se ao tema nominal para expressar diversos valores semânticos, isto é, diversas significações. É também a classe dos aumentativos, servindo ainda para exprimir um sentido pejorativo.

Exemplos:

<i>ocipala</i>	=	face
----------------	---	------

<i>ocina</i>	=	coisa
<i>ocikusi</i>	=	bofetada
<i>oculume</i>	=	homenzarrão
<i>ocinjo</i>	=	casarrão
<i>ocukãĩ</i>	=	mulheraça

### 9 - Classe: O-, (Om-, On-)

O prefixo desta classe associa-se ao tema nominal para indicar nomes comuns sem alguma particularidade específica. Esta classe engloba os seres de forma geral, quer sejam coisas, quer animais. É a classe mais extensa em umbundu.

#### Exemplos:

<i>ombwa</i>	=	cão
<i>ohombo</i>	=	cabrito
<i>omunda</i>	=	montanha
<i>ohosi</i>	=	leão
<i>onde</i>	=	colmeia
<i>onjevo</i>	=	caçada
<i>ombya</i>	=	panela

Entretanto, observa-se que os nomes de alguns animais domésticos e de certos objectos que guardam a raiz do nome português, entram nesta classe. Por isso é que em umbundu diz-se, por exemplo:

<i>ongato</i>	=	gato
<i>omesa</i>	=	mesa

**10 - Classe: Olo-, (Olom-,Olon-)**

O prefixo desta classe, forma o plural dos nomes da classe 9 e 11.

Exemplos:

<i>olonjila</i>	=	caminhos
<i>olonanga</i>	=	panos
<i>olohombo</i>	=	cabritos
<i>olombungululu</i>	=	estrelas
<i>olongato</i>	=	gatos
<i>olomati</i>	=	costelas
<i>olohaku</i>	=	sandálias

**11 - Classe: Olu-**

O prefixo desta classe associa-se ao tema nominal para indicar uma delimitação. Também engloba nomes de alguns insectos.

Exemplos:

<i>olumbo</i>	=	cerco
<i>olumbandi</i>	=	terreiro
<i>olumati</i>	=	costela
<i>olunjinji</i>	=	formiga
<i>olunyi</i>	=	mosca
<i>oluhamwe</i>	=	mosquito
<i>oluhaku</i>	=	sandália

## 12 - Classe: Oka-

Esta é a classe dos diminutivos. O prefixo **oka** corresponde exactamente ao diminutivo dos nomes. E isto processa-se da seguinte forma:

No encontro de **oka** com *u*, as duas vogais *a* e *o* contraem-se em *o*.

Exemplos:

<i>oka – ulume</i>	=	<b>okolume</b> = homenzinho
<i>oka – uti</i>	=	<b>okoyi</b> = pauzinho
<i>oka – utima</i>	=	<b>okotima</b> = coraçãozinho

No encontro de **oka** com *o* inicial do classificador do nome, o *o* é eliminado.

Exemplos:

<i>oka – ondombwa</i>	=	<b>okandombwa</b> = noivazinha
<i>oka – okulu</i>	=	<b>okakulu</b> = perninha
<i>oka – omola</i>	=	<b>okamõla</b> = criancinha

## 13 - Classe: Otu-

Forma o plural dos nomes da classe 12.

Exemplos:

<b>otumãla</b>	=	criancinhas
<b>otulonjo</b>	=	casinhas
<b>otulombya</b>	=	panelinhas
<b>otulomango</b>	=	cadeirinhas

Observa-se muitas das vezes, que nem sempre se forma o plural de nomes diminutivos com o prefixo **otu**, mas também com o prefixo **oka** anteposto ao nome já no plural.

Exemplos:

<i>okalonjo</i>	=	casinhas
<i>okamãla</i>	=	criancinhas
<i>okalomangu</i>	=	cadeirinhas
<i>okaviti</i>	=	pauzinhos

### 15 - Classe: Oku-

O prefixo desta classe junta-se a certas palavras para indicar acção e movimento. Esta classe engloba verbos substantivados.

Exemplos:

<i>okuyola kwahe kuwa</i>	=	o seu rir é suave
<i>okupopya kwavo kumosi</i>	=	o seu falar é idêntico, é comum
<i>okwenda kwove kwojanga</i>	=	o teu andar é de rapidez

Os vocábulos em umbundu: *okuyola*, *okupopya*, *okwenda*, isoladamente teriam a natureza de verbos, significando rir, falar e andar respectivamente. Porém os exemplos, acima, apontam para uma realidade diferente: a de nomes, pelo facto de se lhes juntar aos pronomes (*kwahe*, *kwavo*, *kwove*) = (seu, teu).

Porém, já existem na língua (umbundu) algumas palavras com aquele prefixo de forma natural.

Exemplos:

<i>okulu</i>	=	perna
<i>okwokwo</i>	=	braço, etc.

### Prefixos de Classes 16, 17 e 18

Os prefixos das classes 16 **pu-** (**p-**); 17 **ku-** (**k-**) e 18 **vu-** (**v-**) têm a particularidade de indicar o lugar, marcando quer a superfície, quer a direcção, quer a interioridade respectivamente, sempre prepostos aos nomes. Estas são chamadas classes locativas, que mais adiante abordaremos.

**16 - Classe: Pu- (p-)**

Este prefixo indica uma noção de superfície, de contacto e de aproximação.

Exemplos:

<i>posamwa</i>	=	no pátio
<i>wasala posamwa</i>	=	ficou no pátio
<i>pelonga</i>	=	no prato
<i>ositu yikasi pelonga</i>	=	a carne está no prato

**17 - Classe: Ku- (k-)**

Esta classe indica o lugar aproximativo e direcção.

Exemplos:

<i>kovapya</i>	=	às lavras
<i>wanda kovapya</i>	=	foi às lavras
<i>kolwi</i>	=	ao rio
<i>ngenda kolwi</i>	=	vou ao rio

**18 - Classe: Vu- (v-)**

Este prefixo exprime a interioridade.

Exemplos:

<i>vohondo</i>	=	no quarto
<i>vohondo muli ocinyi</i>	=	no quarto há clareza
<i>vimbo</i>	=	na aldeia
<i>vimbo kamuli omanu</i>	=	na aldeia não há gente

### 2.1.1.1.2. EXPRESSÕES LOCATIVAS

Os locativos correspondem a palavras ou expressões que em português indicam circunstâncias de lugar.

Ao falarmos de expressões locativas, rebuscamos a ideia dos prefixos nominais das classes **16 pu-**, **17 ku-** e **18 vu-**, que em umbundu têm a particularidade de indicar o lugar, marcando quer a superfície, quer a direcção, quer a interioridade respectivamente, sempre prepostos aos nomes.

Os prefixos locativos indicam a localização do nome a que se afixam no tempo ou no espaço.

Na língua umbundu, a expressão de circunstância e de lugar é feita, não por um número limitado de palavras, mas por qualquer nome de qualquer classe, desde que prefixado por **pu-**, **ku-** e **vu-**.

Estes prefixos, uma vez afixados aos nomes, passam a impor a concordância a todas as palavras sintácticamente dependentes (verbos, pronomes demonstrativos, possessivos, adjectivos e numerais) através dos prefixos. Isto quer dizer que o nome independente ao qual se afixa um prefixo locativo, perde as suas características anteriores da classe, sem no entanto, perder o prefixo independente primário, e passa a controlar a concordância através do prefixo locativo da nova classe, (Ngunga, 2004:125).

Os prefixos locativos podem conserva-se íntegros ou não, isto é, manter a vogal *u* ou ficar reduzidos a consoantes (p-, k-, v-) dependentemente do prefixo do nome a que se afixam.

O prefixo locativo **pu-** indica a localização situacional geral (em/por cima, em/por baixo, área aberta, etc.) e proximidade, como mostram os exemplos que se seguem:

Classe 1a O					
pu	+	ina (mãe)	=	<b>puyina</b>	→ <i>wakulila ponjo pwina yahe</i> cresceu em casa de sua mãe
Classe 9 O- (On-, Om-)					
pu p-	+	osamwa (pátio)	=	<b>posamwa</b>	→ <i>okasi posamwa palo</i> está aqui no pátio

O prefixo locativo **ku-** é direccional, com a ideia de movimento (para, rumo a), e aponta para mais distante (lá, ali).

**Exemplos:**

Classe 5 E-, I-						
ku-	+	epya (lavra)	=	kepya	→	<i>watunda kepya</i> veio da lavra
k-						
ku-	+	imbo (aldeia)	=	kimbo	→	<i>kimbo twosanga</i> encontrámo-lo na aldeia
k-						

O prefixo locativo **vu-** indica a localização de um espaço limitado, fechado, com a ideia de interioridade.

**Exemplo:**

Classe 3 U-, Omu-						
vu	+	uti (árvore)	=	vuti	→	<i>onjila ikasi vuti</i> o pássaro está na árvore
v-						

Como vimos, os prfixos locativos **pu-**, **ku-** e **vu-** indicam a locativização situacional, direcional e de interioridade, respectivamente. Todavia, veremos a seguir que estes prefixos também podem servir para a expressão do tempo, (Ngunga, 2004:126).

O prefixo locativo **pu-** anuncia a localização mais precisa num determinado período de tempo.

**Exemplos:**

<i>pokufetika pali ovitangi</i>	=	no começo há problemas
<i>capita palima alo atatu</i>	=	ocorreu nestes três anos
<i>cosi capwa pokwiya kwahe</i>	=	tudo terminou assim que chegou

O prefixo locativo **vu-** anuncia a localização da acção ou estado num determinado período de tempo.

**Exemplos:**

<i>vulima mupita vialwa</i>	=	num ano, muitas coisas acontecem
<i>vosãï muli olosemana vikwãla</i>	=	num mês há quatro semanas

Quadro 2 - Diferenças das Expressões Locativas

	PORTUGUÊS	EXEMPLOS	UMBUNDU	EXEMPLOS
EXPRESSÕES LOCATIVAS	USO DE <i>PrePOSições</i> : <b>para, em e a</b>	Foi <b>para</b> Luanda; está <b>no</b> Lubango; vou <b>à</b> escola	USO DE <i>PrefixOS LOCAtIVOS</i> : <b>pu-, ku-, vu-</b>	<i>Wanda ko - Luwanda;</i> <i>okasi ko - Luvango;</i> <i>ndenda kosikola</i>

Daí que um falante de língua materna umbundu, geralmente, não consegue fazer a diferenciação entre as diversas funções das preposições do português, e produz frases como:

Vou <b>na</b> praça	=	Vou <b>à</b> praça
Começaram a contar <b>nos</b> amigos	=	Começaram a contar <b>aos</b> amigos
Foram <b>no</b> Namibe	=	Foram <b>para</b> o Namibe

#### 2.1.1.2. ADJECTIVOS

Adjectivos são palavras que se juntam aos nomes para os qualificar.

«Adjectivos são palavras que especificam atributos de nome», (Pinto e Lopes, 2005:128).

Geralmente o adjectivo em português, aparece depois do nome que caracteriza. Mas também pode aparecer antes dele, porém esta posição só ilustra um valor estilístico, para dar mais expressividade à frase.

**Exemplos:**

Construí uma casa <i>grande</i>
Construí uma <i>grande</i> casa

Em umbundu os adjectivos são poucos<sup>2</sup>, e sempre pospostos ao nome. Eis alguns:

<sup>2</sup> Alguns verbos no pretérito perfeito traduzem-se como adjectivos.

Exemplos: ufeko **wafina** = a menina é bonita; uti **walepa** = a árvore é comprida.

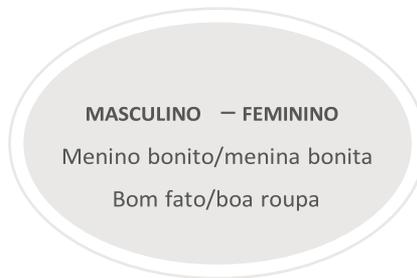
<b>-wa</b>	=	bom
<b>-vi</b>	=	mau
<b>-nene</b>	=	grande
<b>-tito</b>	=	pequeno
<b>-mbumbulu</b>	=	baixo

**Exemplos:**

<i>Ufeko ut<b>tito</b> handi</i>	=	a menina ainda é pequena
<i>Okasi vonjo <b>inene</b></i>	=	está na casa grande

**2.1.1.2.1. CONCORDÂNCIA DO ADJECTIVO COM O NOME**

Em português, o adjectivo biforme concorda sempre em género e número com o nome que caracteriza.

**Exemplos:**

Em umbundu, o adjectivo quando colocado junto de um nome, segue a regra geral de concordância, antepondo o prefixo adjectival correspondente ao prefixo do nome que qualifica.

**Exemplos:**

<i><b>Ocisapa</b> cinene</i>	=	O arbusto é grande
<i>epito eli <b>liwa</b></i>	=	Esta porta é bonita

O adjetivo segue a concordância determinada pelo nome. Muitas vezes o adjetivo tem o mesmo prefixo como o nome, mas nalguns casos, a forma do adjetivo é diferente.

**Exemplos:**

Classe 3 U-	<i>Ulume u uwa</i>	=	este homem é bom
Classe 6 A-	<i>Alume ava vawa</i>	=	estes homens são bons
Classe 9 O- (On-, Om-)	<i>Onjo yetu inene</i>	=	a nossa casa é grande
Classe 15 Oku-	<i>Okulu oku kumbumbulu</i>	=	esta perna é curta

Podemos então registar todos os **prefixos de adjetivos**, e a sua conseqüente variação em número (singular e plural), bem como a respectiva concordância com as dezoito **classes nominais** em relação aos exemplos que acabamos de ver:

#### Prefixos Adjectivais

CLASSE	SINGULAR	PLURAL
1	u-	
2		ava-
3	u-	
4		vi-
5	li-	
6		(va-)
7	ci-	
9	i-	
11	lu-	
12	ka-	
13		tu-
15	ku-	

Os prefixos adjectivais das classes nominais (16 pa-; 17 ku-; 18 mu-), servem tanto para o singular como para plural.

**Exemplos:**

<p><i>Posamwa palo <b>pawa</b></i> Neste pátio é bonito</p>	=	<p><i>Polosamwa palo <b>pawa</b></i> aqui nestes pátios é bonito</p>
<p><i>Vetapalo kaliye <b>muwa</b></i> Na estrada agora há beleza</p>	=	<p><i>Vatapalo kaliye <b>muwa</b></i> nas estradas agora há beleza</p>

**Quadro 3 - Diferenças da Flexão dos Adjectivos**

	PORTUGUÊS	EXEMPLOS	UMBUNDU	EXEMPLOS
<b>FLEXÃO DO ADJECTIVO</b>	EM <i>género</i> E <i>número</i>	miúdo <b>pequeno</b> / miúda <b>pequena</b> casa <b>grande</b> / casas <b>grandes</b> são <b>abundantes</b>	SEGUNDO A <b>CLASSE</b> <i>nOMinAL</i> <b>dO nOme</b>	<i>omõla utito/omõla utito</i> <i>onjo inene/olonjo vinene</i> <i>epia linene/ovapia anene</i> são poucos

**2.1.1.3. PRONOMES**

A palavra pronome, atendendo aos seus elementos de formação (pro + nome), significa **em vez do nome** (Borregana, 2006: 149).

Vejamos, por exemplo este pequeno texto:

A Maria fez uma prova de Língua Portuguesa.  
Porém, **ela** achou que **esta** foi mais difícil que **a** anterior.

**ela** substitui *A Maria*;

**esta** substitui *a nova prova de Língua Portuguesa*;

**a** refere *a prova (anterior)*.

O umbundu tem unidades (termos) que podem responder às condições expostas na definição e responder ao estatuto de pronome, como mostra o texto que se segue:

*Malia walinga oseteko **yahe** velimi lyoputu.*  
*Pwãĩ wamõla okuti **eyi** yatila vali okuvelapo **ina** yatete.*

**yahe** – sua **eyi** – esta  
 (prova recente) **ina** – a  
 (prova anterior)

Os pronomes aqui usados apontam, pois, para nomes, substituem-nos, evitando a sua repetição na mesma frase ou em frases seguidas.

#### 2.1.1.3.1. PRONOMES PESSOAIS

Os pronomes pessoais indicam as pessoas intervenientes (directa ou indirectamente) nos actos de fala:

PESSOA		SINGULAR	PLURAL
1ª	A que fala	eu	nós
2ª	A quem se fala	tu	vós
3ª	De quem se fala	ele/ela	eles/elas

O pronome pessoal em umbundu corresponde exactamente com o pronome pessoal em português.

Exemplos:

<i>ame</i>	=	eu
<i>ove</i>	=	tu/você
<i>eye</i>	=	ele/ela
<i>etu</i>	=	nós
<i>ene</i>	=	vós/vocês
<i>ovo</i>	=	eles/elas

Assim, as formas em português (comigo, contigo, connosco, convosco) traduzem-se em umbundu como pronome pessoal simples antecedido de **la**, ou **l'**, correspondendo em português à preposição **com**.

**Exemplos:**

<i>Wanda lame</i>	=	foi comigo
<i>Wavangula lene</i>	=	falou convosco
<i>Ndenda love</i>	=	vou contigo

Verifica-se ainda a ausência de concordância na utilização dos pronomes **tu** e **você**, na medida em que, em umbundu equivalem a um único, **ove**.

Em consequência disto, produzem-se frases como:

*Você **foste** à escola?*  
*Você foi à escola?*

*Você **ja comeste**?*  
*Tu já comeste?*

Em português, os pronomes pessoais em forma de objecto directo ou indirecto, podem ser *enclíticos*, *proclíticos* e *mesoclíticos*.

**Exemplos:**

<b>ENCLÍTICOS</b>	OS QUE SE COLOCAM APÓS O VERBO	Cortei- <b>me</b> com a faca. Hoje, ofereceram- <b>me</b> um livro.
<b>PROCLÍTICOS</b>	OS QUE SE COLOCAM ANTES DO VERBO	Não <b>nos</b> lavamos no rio. Quem <b>te</b> deu pão?
<b>MESOCLÍTICOS</b>	AQUELES QUE SE COLOCAM NO MEIO DO VERBO	Comê- <b>lo</b> -ei logo. Entregar- <b>lhe</b> -ei o livro.

<sup>3</sup>Numa forma verbal em umbundu, pode identifica-se o morfema indicador do objecto tanto directo como indirecto.

Em umbundu, os pronomes pessoais em forma de objecto directo, não existem tal como acontece com os pronomes pessoais em forma de sujeito (ame = eu; ove = tu/você; eye = ele). Existem sim, morfemas (marcas) de objecto directo<sup>3</sup> prefixados ao radical do verbo.

Exemplos:

<i>Vatwambata konjo</i>	=	levaram- <b>nos</b> para casa
<i>Eye wandiliatela komāhi</i>	=	ele pisou- <b>me</b> no pé
<i>Ulongisi okongolola olondonge, noke okavitenda</i>	=	o professor juntará os alunos e contará- <b>los</b> -á.

Tal como acontece com os pronomes pessoais em forma de objecto directo, o mesmo ocorre com os pronomes pessoais em forma de objecto indirecto.

Exemplos:

<i>Eye wowihã onjeke</i>	=	ele/a entregou- <b>lhe</b> o saco
<i>Eye wacindipopya cosi</i>	=	ele/a contou- <b>me</b> tudo

Quadro 4 - Pronomes Pessoais em Forma OD e OI

	PORTUGUÊS	EXEMPLOS	UMBUNDU	EXEMPLOS
PRONOMES	<i>enCLíticos</i>	Feri- <b>me</b> com o ferro.	NÃO TEM	NÃO TEM
	<i>PrOCLíticos</i>	Não <b>nos</b> lavamos.	NÃO TEM	NÃO TEM
	<i>meSOCLíticos</i>	Levá- <b>lo</b> -ei à casa.	NÃO TEM	NÃO TEM
PRONOMES	<i>enCLíticos</i>	Hoje ofereceram- <b>me</b> um livro.	NÃO TEM	NÃO TEM
	<i>PrOCLíticos</i>	Quem <b>te</b> deu o pão?	NÃO TEM	NÃO TEM
	<i>meSOCLíticos</i>	Entregar- <b>lhe</b> -ei o livro.	NÃO TEM	NÃO TEM

<sup>3</sup> Numa forma verbal em umbundu, pode identifica-se o morfema indicador do objecto tanto directo como indirecto.

**Quadro 5 - Diferenças dos Pronomes Pessoais em Forma de Objecto Directo e Objecto Indirecto Quanto à Função**

	PORTUGUÊS	EXEMPLOS	UMBUNDU	EXEMPLOS
OD	<i>O, A, OS, AS</i>	Eu vi- <b>o</b>	MARCAS DE OD <i>U-</i>	<i>Ame ndaumola</i>
OI	<i>Lhe, LheS</i>	Eu dei- <b>lhe</b> pão	MARCAS DE OI <i>U-</i>	<i>Ame ndiwinha ombolo</i>

No umbundu, a marca de objecto directo ou indirecto é representada por um mesmo morfema |u|.

O locutor do umbundu ao falar português, não faz a distinção entre o |o|, |a|, pronome pessoal em função de objecto directo e |lhe|, pronome pessoal em função de objecto indirecto, fazendo o uso exagerado do **lhe**.

**Exemplos:**

Eu <b>lhe</b> vi em casa	→	Eu vi- <b>o</b> em casa
Ele <b>lhe</b> ajudou a cartar água	→	Ele ajudou- <b>o</b> a acarretar água
Este é meu amigo, vou <b>lhe</b> mostrar a casa	→	Este é meu amigo, vou mostrá- <b>lo</b> a casa
Deste pão ao João? Sim <b>lhe</b> dei	→	Deste o pão ao João? Sim dei- <b>lho</b>
<b>Lhe</b> tirei a camisa porque estava suja	→	Tirei- <b>lhe</b> a camisa porque estava suja

#### 2.1.1.3.2. PRONOMES POSSESSIVOS

Pronomes possessivos são aqueles que exprimem a ideia de posse. Esses em português, concordam em género e em número com o objecto possuído; e em pessoa com o possuidor do objecto.

Observa-se o quadro seguinte:

PESSOA	SINGULAR		PLURAL	
	MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO
1ª	meu	minha	meus	minhas
2ª	teu	tua	teus	tuas
3ª	seu	sua	seus	suas
1ª	nosso	nossa	nossos	nossas
2ª	vosso	vossa	vossos	vossas
3ª	seu	sua	seus	suas

Em umbundu, um pronome possessivo faz-se preceder do prefixo pronominal que corresponde à classe do nome do objecto possuído. Daí que os pronomes possessivos sofram modificações, segundo a classe do nome que caracterizam.

**Exemplos:**

Classe 3 u-	<i>Uti wetu</i>	=	a <b>nossa</b> árvore
	<i>Utima wange</i>	=	o <b>meu</b> coração
Classe 9 on-	<i>Ongombe yetu</i>	=	o <b>nosso</b> boi
	<i>Osanji yange</i>	=	a <b>minha</b> galinha
Classe 10 olon-	<i>Olongombe vyetu</i>	=	os <b>nossos</b> bois
	<i>Olomangu vyange</i>	=	as <b>minhas</b> cadeiras

Concluimos que, apenas os pronomes pessoais se encontram isolados, e estes formam a base temática dos possessivos, isto é, as palavras que em umbundu equivalem a pronomes possessivos, são basicamente formadas por um pronome pessoal antecedido de um prefixo pronominal e o morfema associativo **-a**. Isto é funcional para todos os pronomes pessoais, com excepção do pronome da primeira pessoal do singular.

**Exemplos:**

Classe 9 ya-	<b>y-</b> PREFIXO PRONOMINAL	+	<b>-ove</b> (tu) PRONOME PESSOAL	=	<b>yove</b>	→	teu, tua
	<b>y-</b> PREFIXO PRONOMINAL	+	<b>-ange</b> (eu) PRONOME PESSOAL	=	<b>yange</b>	→	meu, minha

A seguir, apresentamos o quadro das diferenças dos pronomes possessivos portugueses e do umbundu:

**Quadro 6 - Diferenças dos Pronomes Possessivos**

	PORTUGUÊS	EXEMPLOS	UMBUNDU	EXEMPLOS
<b>VARIAÇÃO DOS PRONOMES POSSESSIVOS</b>	VARIAM EM <i>gênerO</i> E EM <i>númerO</i>	<b>meu</b> amigo/ <b>minha</b> amiga  <b>meus</b> amigos/ <b>minhas</b> amigas	VARIAM EM <i>CLASSEs</i> <i>nOminAiS</i> PARA O POSSUIDO; <i>PeSSOA/CLASSE nOminAL</i> , PARA O POSSUIDOR .	( <i>uti</i> ) <i>lolombombo vya wo onelêho lolombombo vyayo</i>

**2.1.1.3.3. PRONOMES DEMONSTRATIVOS**

São palavras que substituem os nomes para indicar a posição dos seres e das coisas no espaço e no tempo, em relação às pessoas gramaticais.

**Exemplo:**

VARIÁVEIS				INVARIÁVEIS
SINGULAR		PLURAL		
MASCULINO	FEMININO	MASCULINO	FEMININO	
este	esta	estes	estas	isto
esse	essa	esses	essas	isso
aquele	aquela	aqueles	aquelas	aquilo
o mesmo	a mesma	os mesmos	as mesmas	
o outro	a outra	os outros	as outras	
tal	tal	tais	tais	

Em umbundu existem quatro tipos de demonstrativos que correspondem mais ou menos aos três demonstrativos portugueses:

**Exemplos:**

<b>Ulo</b>	=	este/esta (próximo da pessoa que fala)
<b>Uu</b>	=	esse/essa (próximo da pessoa com quem se fala)
<b>Oo</b>	=	aquele/aquela (longe dos interlocutores, indicando um afastamento maior)
<b>Una</b>	=	aquele/aquela (indica também um afastamento, apontando para seres apenas como lembrança)

Exemplos em função de algumas classes nominais:

Classe 1 U-, Omu-	<b>Ulume ulo</b>	=	este homem
	<b>Omunu una</b>	=	aquela pessoa
Classe 2 A-, Oma-	<b>Afeko valo</b>	=	estas meninas
	<b>Omanu vana</b>	=	aquelas pessoas

Existem demonstrativos que equivalem aos invariáveis em português:

**Exemplos:**

Classe 7 Oci-	<b>Cilo celie?</b>	=	de quem é <b>isto</b> ?
	<b>Eci kacikasi ciwa</b>	=	<b>isso</b> não está bom
	<b>Cina kacikasipo</b>	=	<b>aquilo</b> não está ali

Quadro 7 - Diferenças dos Pronomes Demonstrativos

	PORTUGUÊS	EXEMPLOS	UMBUNDU	EXEMPLOS
VARIAÇÃO DOS PRONOMES DEMONSTRATIVOS	VARIAM EM <i>género</i> E EM <i>número</i>	<b>esta</b> menina/ <b>este</b> menino  <b>estas</b> meninas/ <b>estes</b> meninos	VARIAM EM <i>CLASSE nOminAL</i>	<i>ufeko</i> <b>ulo</b> / <i>ukwenje</i> <b>ulo</b>  <i>afeko</i> <b>valo</b> / <i>akwenje</i> <b>valo</b>

#### 2.1.1.4. NUMERAIS

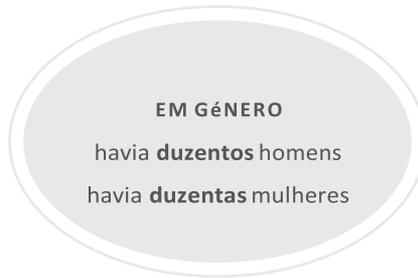
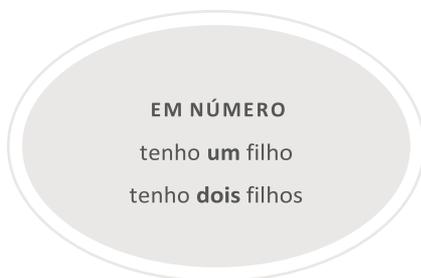
Palavras que indicam a quantidade exacta de pessoas, animais, coisas, acções ou estados, ou que assinalam o lugar que ocupam numa série. E estes, geralmente, dividem-se em **cardinais**, e **ordinais**, tanto em umbundu como em português.

##### 2.1.1.4.1. NUMERAIS CARDINAIS

São cardinais aqueles que indicam simplesmente o número de pessoas, animais, coisas, acções, etc. São os números básicos.

Em português, quanto a categoria de número, os cardinais, excepto **um**, são do plural, implicitamente. Para o género, são invariáveis, salvo **um** (uma), **dois** (duas) e as **centenas** acima de cem: **duzentos** (duzentas), (Camara Jr. 1997:221).

Exemplos:



Em umbundu, quando queremos fazer uma contagem sem especificar o ser, os numerais cardinais podem aparecer isolados.

Exemplos:

<i>mosi</i>	=	um	<i>epandu vali</i>	=	sete
<i>vali</i>	=	dois	<i>ecelălă</i>	=	oito
<i>tatu</i>	=	três	<i>ecea</i>	=	nove
<i>kwăla</i>	=	quatro	<i>ekwi</i>	=	dez
<i>tălo</i>	=	cinco	<i>ekwi la mosi</i>	=	onze
<i>epandu</i>	=	seis	<i>ekwi avali</i>	=	vinte

Nota-se que os numerais cardinais de **um** a **cinco**, quando antecidos de um nome, funcionam como adjectivos e concordam com o nome por meio do respectivo prefixo pronominal.

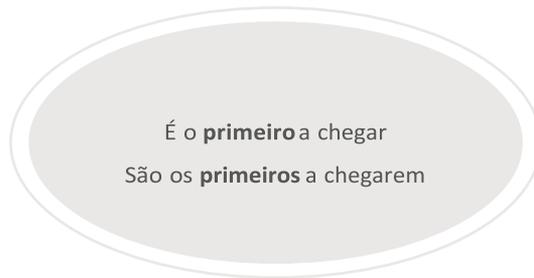
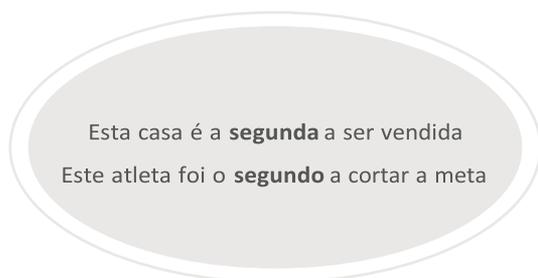
**Exemplos:**

Classe 3 (u-)	<i>pali uti umosi</i>	=	há uma árvore
Classe 4 (Ovi-)	<i>wanena ovine vitălo</i>	=	trouxe cinco almofarizes
Classe 10 (olon-)	<i>kwatungiwa olonjo vivali</i>	=	foram construídas duas casas
Classe 15 (oku-)	<i>okulu kumosi kuvala</i>	=	dói uma perna

#### 2.1.1.4.2. NUMERAIS ORDINAIS

Os ordinais indicam a ordem que as pessoas, os animais ou coisas ocupam numa série. Em português, variam em género e número como os nomes em geral.

**Exemplos:**



Em umbundu, a formação do numeral ordinal tem como base o numeral cardinal. Na formação do numeral ordinal, o prefixo pronominal junta-se à raiz do numeral cardinal por uma partícula de relação (**a**). Exemplos:

PREFIXO PRONOMINAL		PARTÍCULA DE RELAÇÃO		NUMERAL CARDINAL		NUMERAL ORDINAL
<i>li</i>	+	<i>a</i>	+	<i>vali</i> (dois)	=	<i>lyavali</i> (segundo)
<i>li</i>	+	<i>a</i>	+	<i>epandu</i> (seis)	=	<i>lyepandu</i> (sexto)

Exemplos:

<i>Etali eteke lyavali</i>	=	hoje é o <b>segundo</b> dia
<i>Ocihandeleko cekwi</i>	=	o <b>décimo</b> mandamento

Diferentemente do português, em umbundu os numerais ordinais não se flexionam em género, mas sim em classe nominal.

Exemplos:

Classe 2 U-	<i>ulume watete</i>	=	<b>primeiro</b> homem
	<i>ukāi watete</i>	=	<b>primeira</b> mulher
Classe 9 O-	<i>Vosāi yecea mwakala ocela</i>	=	no <b>nono</b> mês houve eleições
	<i>Okasi vonjo yecea</i>	=	está na <b>nona</b> casa
	<i>Okasi vosāi yecelāla</i>	=	está no <b>oitavo</b> mês

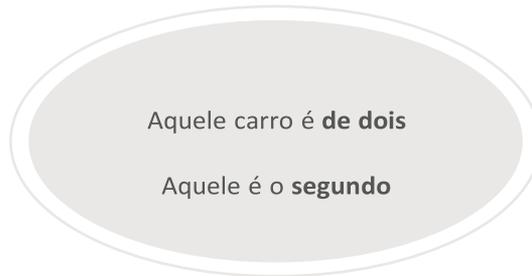
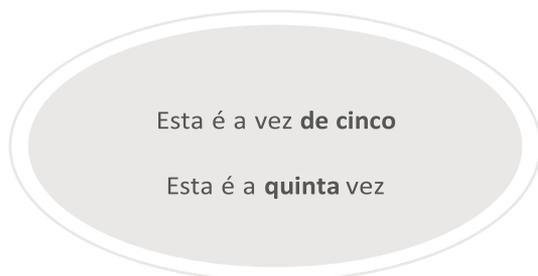
### Quadro 8 - Diferenças dos Numerais Cardinais e Ordinais

	PORTUGUÊS	UMBUNDU
VARIAÇÃO DO NUMERAL CARDINAL	INVARIÁVEL EM <i>género</i> (COM EXCEÇÃO DE UM, DOIS E CENTENAS ) VARIÁVEIS EM <i>número</i>	VARIÁVEL EM FUNÇÃO DA <i>CLASSE nOminAL</i> (1–5)
VARIAÇÃO DO NUMERAL ORDINAL	VARIÁVEL EM <i>género</i> E EM <i>número</i>	VARIÁVEL EM FUNÇÃO DA <i>CLASSE nOminAL</i>

#### Estrutura do numeral ordinal



Como consequência da utilização do numeral cardinal como se fosse ordinal, produzem-se frases como estas:



#### 2.1.1.5. VERBOS

«Verbos são palavras que exprimem acções, qualidades ou estados situando-os no tempo» (Pinto, 2005: 149).

Exemplos:

O cão <b>ladra</b> .	O Luis é meu irmão.	O dia <b>está</b> frio.
----------------------	---------------------	-------------------------

A definição de verbos que vimos em português é aplicável em umbundu.

**Exemplos:**

<i>Yoano <b>olongisa</b></i>	=	O João <b>ensina</b>
<i>Omõla <b>ovela</b></i>	=	A criança <b>está doente</b>
<i>Elivulu eli <b>liawa</b></i>	=	Este livro <b>caiu</b>

**2.1.1.5.1. ESTRUTURA**

Em português, o infinitivo impessoal do verbo é constituído pelo **radical + vogal temática + desinência** do infinitivo.

**Exemplos:**

RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	DESINÊNCIA DO INFINITIVO
Cant-	-a	-r

O **tema** é constituído pelo **radical + vogal temática**

**Exemplo:** canta

Ao tema podem juntar-se os morfemas de tempo, modo, pessoa e número.

**Exemplo:** cantávamos

TEMA	MORFEMAS	
	TEMPO / MODO	PESSOA / NÚMERO
cantá	va (pret. Imperf. Indicativo)	mos (1ª pessoa do plural)

Nas língas bantu, a estrutura do verbo é particularmente complexa. Esta complexidade pode ser ilustrada de várias maneiras (Ngunga, 2002: 148). Assim, as formas verbais em umbundu podem ter uma complexa estrutura morfológica, (Schadeberg, 1990: 29).

Apresentamos a seguir a descrição dos morfemas (marcas significativas) segundo a ordem que eles ocupam:

1	<b>Pré-inicial</b> (marca negativa)
2	<b>MS</b> (marca do sujeito)
3	<b>PS</b> (pós-sujeito/marca do tempo)
4	<b>MO</b> (marca do objecto)
5	<b>Radical</b>
6	<b>Extensões</b> (verbais)
7	<b>VF</b> (vogal final)
8	<b>Pós-final</b> (complemento locativo)

**Exemplo:**

<i>Katwavapandwilileko</i> – nós não batemos palmas para eles							
1	2	3	4	5	6	7	8
<i>Ka</i>	<i>tw</i>	<i>a</i>	<i>va</i>	<i>pandwi</i>	<i>li</i>	<i>le</i>	<i>ko</i>

Foi apresentada a estrutura geral do verbo que é composta por vários constituintes, desempenhando cada qual uma função específica, nomeadamente: marca do sujeito (MS), marca de tempo (MT), marca de objecto (MO), extensões verbais (Ext.) e outros.

Esta estrutura pode adaptar-se a qualquer língua bantu. Não é obrigatório que toda a forma verbal tenha os elementos aqui apresentados, (Ngunga, 2002: 149).

A seguir, vamos proceder ao estudo de alguns elementos básicos descritos acima:

1 – O **Pré-inicial** é representado pelo morfema de negação **ka-**, ou **si**.

**Exemplos:**

<i>Kalale ciwa</i>	=	não dormiu bem
<i>Sisonêha vali</i>	=	não escrevo mais

2 – **MS** (marca de sujeito)

O autor duma determinada acção é identificado pelo prefixo do sujeito na forma verbal.

**Exemplos:**

<i>ndíteta</i>	=	eu corto
<i>Oteta</i>	=	tu cortas
<i>Vateta</i>	=	eles cortam

**3 – PS (pós-sujeito/marca do tempo)**

Na terceira posição do verbo encontra-se o morfema indicador do tempo.

**Exemplos:**

<i>Ndikalanda</i>	=	vou compraro/comprarei
<i>Ndalanda</i>	=	comprei

**4 – MS (marca do objecto)**

Numa forma verbal pode identificar-se a marca do objecto (directo / indirecto). E esta marca vem sempre antes do radical do verbo.

**Exemplos:**

<i>Ongambata</i>	=	ele leva-me
<i>Ovambata</i>	=	ele leva-os

**5 – Radical**

Uma forma verbal em umbundu, comporta obrigatoriamente um radical que permanece intacto para o tempo e para o número.

**Exemplos:**

<i>Ame nditanga</i>	=	eu leio
<i>Etu tutanga</i>	=	nós lemos
<i>Ove watanga</i>	=	tu leste

**6 - Extensão verbal**

As extensões verbais são morfemas derivacionais que se acrescentam ao radical verbal para lhes modificar o sentido (Ngunga, 2004:174).

A **seguir** ao radical verbal, vem a posição que pode conter uma ou mais extensões verbais. Uma extensão verbal modifica o significado básico do verbo a que se junta (Kroger, s /d:15).

Eis alguns verbos na forma básica (sem extensão verbal), seguidos pela forma expandida (com extensão verbal).

FORMA BÁSICA	FORMA EXPANDIDA
<i>Okukwata</i> – agarrar	<i>Okukwatiwa</i> – ser agarrado <i>Okukwatela</i> – agarrar em <i>Okukwatelela</i> – agarrar-se a
<i>Okulanda</i> – comprar	<i>Okulandela</i> – comprar para <i>Okulandiwa</i> – ser comprado <i>Okulandisiwa</i> – ser vendido

**Quadro 9 - Diferenças da Estrutura Verbal**

	PORTUGUÊS	EXEMPLOS	UMBUNDU	EXEMPLOS
FORMAS VERBAIS	APRESENTAM OS MORFEMAS DE <i>temPO</i> , <i>mOdO</i> , <i>númerO</i> E <i>PeSSOA</i> SUFIXADOS AO RADICAL	Comprou- <b>lho</b>	APRESENTAM OS MORFEMAS DE <i>temPO</i> , <i>mOdO</i> , <i>númerO</i> E <i>PeSSOA</i> PREFIXADOS AO RADICAL	<i>Wolyulandela</i> ( <i>wo-ly-u-landela</i> )
	NÃO APRESENTAM OS MORFEMAS DE <i>ObjeCtO direCtO</i> E <i>indireCtO</i> AGLUTINADOS NA FORMA VERBAL		APRESENTAM OS MORFEMAS DE <i>ObjeCtO</i> AGLUTINADOS NA FORMA VERBAL COMO PREFIXOS.	
	HÁ DIFERENÇA ENTRE OS MORFEMAS DE OBJECTO DIRECTO E OBJECTO INDIRECTO	Eu vi- <b>o</b> ; eu dei- <b>lhe</b>	NÃO HÁ DIFERENÇA ENTRE A MARCA DE OBJECTO DIRECTO E OBJECTO INDIRECTO	<i>Ame ndaumöla</i> ; <i>ame ndawiha</i>
	SEM EXTENSÕES VERBAIS	escrever/ escrever para	COM EXTENSÕES VERBAIS	<i>okusonēhã</i> / <i>okusonēhela</i>

**2.1.1.5.2. VERBOS REFLEXIVOS E RECÍPROCOS**

Em português, quando o verbo é conjugado com os pronomes pessoais **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos** e **se**, sendo que a acção praticada pelo sujeito recai sobre ele próprio, diz-se que o verbo é reflexivo.

Exemplos:



E quando a acção de cada um dos sujeitos recai mutuamente sobre ambos, o verbo é *recíproco*.

Exemplos:



O umbundu utiliza para o reflexivo e o recíproco um morfema único **li-**, invariável. Este morfema coloca-se entre o morfema do sujeito e o radical do verbo.

**Exemplos:**

<i>Ame ndi<b>li</b>sukula</i>	=	eu lavo- <b>me</b>
<i>Ove wa<b>li</b>sukula</i>	=	tu lavaste- <b>te</b>
<i>Eye oka<b>li</b>sukula</i>	=	ele lavar- <b>se</b> -á
<i>Ovo va<b>li</b>sukula</i>	=	eles lavam- <b>se</b>

**Quadro 10 - Diferenças dos Verbos Reflexivos e Recíprocos**

	PORTUGUÊS	UMBUNDU
VERBOS REFLEXIVOS	COM OS PRONOMES: <i>me, te, Se, nOS, VOS</i>	COM UM ÚNICO MORFEMA <i>Li-</i>
VERBOS RECÍPROCOS	COM OS PRONOMES: <i>nOS, VOS, Se</i>	COM UM ÚNICO MORFEMA <i>Li-</i>

Pelo facto da existência de um único morfema (**li**) utilizado para os verbos reflexivos e recíprocos em umbundu, a tendência dos falantes é de utilizarem também um único pronome (**se**) para todas as pessoas gramaticais. Desta feita, resultam posições como estas:

*Eu **se** lavei de manhã*  
Eu lavei-**me** de manhã

*Vamos **se** encontrar aonde?*  
Onde **nos** vamos encontrar?

*tu já se preparaste?*

Tu já **te** preparaste?

*Eles se abraçaram.*

Eles abraçaram-**se**.

*Os alunos se dividiram em grupos.*

Os alunos dividiram-**se** em grupos.

*Meninos, se ajudem.*

Meninos, ajudai-**vos**.

Depois deste estudo analítico, a seguir apresentamos o quadro sinóptico relativo ao estudo da morfologia das 18 classes nominais e seus respectivos prefixos:

**Quadro 11 - Quadro Sinóptico das Classes Nominais e seus Respetivos Prefixos<sup>4</sup>**

PESSOA/ CLASSE NOMINAL	PL	PREFIXOS					PRON. (POSS.)	DEMONSTRATIVOS				MARCA DE SUJEITO	MARCA DE OBJECTO
		NOMINAL	ADJECT	NUMER	PRONOMIN	POSSESS		I	II	III	IV		
1ª SG ame							-nge					ndi-	ndi-
2ª SG ove			-wa	-mosi	-mwe		-ove					o-	Ku-
1ª PL etu				-tatu			-etu					tu-	tu-
2ª PL ene							-ene					(v)u-	ku-, (v)u-
1 ufeko, omunu	2	u-, omu-	(y)u-, o-	(y)u-	(y)u-	wa-	-e	ulo	uu	oo	una	o-	u-
1a tate	2a		(y)u-, o-	u-, o-	u-, o-		-e	ulo	uu	oo	una	o-	u-
2 afeko, omanu		a-, oma-	va-	va-	va-	va-	-vo	valo	ava	ovo	vana	va-	va-
2a vatate		va-	va-	va-	va-	va-	-vo	valo	ava	ovo	vana	va-	va-
3 uti, utima	4, 6	u-, omu-	u-	u-	u-	wa-	-wo	ulo	ou	owo	una	u-	u-
4 oviti, ovina		ovi-	vi-	vi-	vi-	vya-	-vyo	vilo	evi	ovyoy	vina	vi-	vi-
5 ekamba, epya	6	e-	li-	li-	li-	lya-	-lyo	lilo	eli	olio	lina	li-	li-
6 akamba, ovapya, ovolu		a-, ova	(y)a-	(y)a-	(y)a-	a-	-o	alo	aa	oo	ana	(y)a-	(y)a-
7 e 9 ocina	4	oci-	ci-	ci-	ci-	ca-	-co	cilo	eci	oco	cina	ci-	ci-
9 onjila	10	o-, on-	(y)i-	(y)i-	(y)i-	ya-	-yo	ilo	eyi	oyo	ina	(y)i-	(y)i-
10 lonjila		olo-, olon-	vi-	vi-	vi-	vya-	-vyo	vilo	evi	ovyoy	vina	vi-	vi-
11 olosapo	6, 10	olu-	lu-	lu-	-lu	lwa-	-lwo	lulo	olu	olwo	luna	lu-	lu-
12 okafwanda	13	oka-	ka-	ka-	ka-	ka-	-ko	kalo	aka	oko	kana	ka-	ka-
13 otukafwanda		otu-	tu-	tu-	tu-	twa-	-two	tulo	utu	otwo	tuna	tu-	tu-
15 okukala, okulu	6	oku-	ku-	ku-	ku-	kwa	-kwo	kulo	oku	okwo	kuna	ku-	ku-
16 ponjila		pu-, p-	pa-	pa-	pa-	pwa-	-po	palo	apa	opo	pana	pa-	
17 konjila		ku-, k-	ku-	ku-	ku-	kwa	-ko	kulo	oku	oko	kuna	ku-	
18 vonjila		vu-, v-	mu-	mu-	mu-	mwa-	-mo	mulo	omu	omo	muna	mu-	

<sup>4</sup> Produzido por Riikka Halme, e adaptado por Paulo Chuva e Sara Luís.

## 2.2. Aspectos Sintáticos

Sintaxe é a parte da gramática que estuda a estrutura e os constituintes da frase, (Pinto e Lopes, 2005: 173).

### 2.2.1. Ordem básica das palavras

De entre as possíveis ordens de palavras, a classificação mais usual é em termos de sujeito, verbo e objecto. E esta é a designada ordem directa.

Exemplos:

O banco disponibilizou dinheiro a todos os trabalhadores.

SUJEITO	+	VERBO	+	OBJECTO DIRECTO	+	OBJECTO INDIRECTO
O banco		disponibilizou		dinheiro		a todos os trabalhadores

Esta ordem directa, se bem que predomine na língua portuguesa, é muitas vezes, alterada, podendo as inversões serem de natureza gramatical ou de natureza estilística.

Exemplos:

Que <b>fazes</b> tu agora?
<b>Contem-me</b> vocês o que se passou.
<b>Inesperadamente</b> jorrou água na torneira.

Em umbundu, a frase é formada por um conjunto de palavras centradas à volta de um núcleo predicativo. A distribuição dos elementos na frase pode ser decisiva na especificação das suas funções. Com efeito, esses diversos elementos, em relação com o verbo, podem ocupar funções de sujeito e de objecto (directo e indirecto).

Exemplos:

<i>Ame ndisonehela ukanda inanu yange</i>	=	eu escrevo uma carta para o meu tio
---	---	-------------------------------------

Na construção de frase em umbundu, a ordem das palavras e dos elementos gramaticais não é arbitrária, mas também não é muito rigorosa. O prefixo do nome principal orienta toda a frase. Os nomes, adjectivos, pronomes, verbos, etc, ligam-se àquele (prefixo nominal) pelos seus concordantes (prefixos pronominais).

**Exemplos:**

Classe 2 (a-, oma-)	<i>Omanu vamwe kavapokola kupange wavatumiwa</i>	=	Algumas pessoas não obedecem ao trabalho que lhes foi incumbido
Classe 15 (oku-)	<i>Okulitumbika kupange, kuwa</i>	=	A dedicação ao trabalho é boa.

Nas línguas bantu, acredita-se que, há sequência natural das palavras na frase seja S (ujeito), V (erbo) e O (jecto). Porém, pode haver alguma alteração da ordem dos elementos na frase.

É de notar que o núcleo da frase que é a forma verbal, contém todos os elementos morfológicos e sintáticos, dispostos segundo uma determinada ordem. Esta ordem interna permite-lhe uma total liberdade de movimento enquanto elemento fulcral.

**Exemplos:**

<i>Etali syendi</i>	=	hoje não vou
<i>Syendi etali</i>	=	não vou hoje
<i>twatwika oviti ponjo</i>	=	plantamos as árvores em casa
<i>Ponjo twatwika oviti</i>	=	em casa plantamos as árvores

**2.2.2. Frases Interrogativas**

Consoante a intenção de comunicação do emissor, a frase pode ser: declarativa, interrogativa, imperativa ou exclamativa.

O questionamento em umbundu e em português funciona de duas maneiras: com ou sem a presença de um morfema interrogativo.

**2.2.2.1. MORFEMAS INTERROGATIVOS**

Neste caso, as frases interrogativas são caracterizadas pela presença de marcadores interrogativos como por exemplo o **nye**, que em português corresponde ao pronome interrogativo **que**.

*nye wanena? / Wanena nye?*  
O **que** trouxeste?

**Exemplo:**

O interrogativo é expresso por palavras que podem combinar-se ou não com o nome, os morfemas interrogativos e funcionam em português como pronomes interrogativos:

<i>Helye, velye?</i>	=	quem?
<i>Nye?</i>	=	que, por que?
<i>Upi, vapi?</i>	=	qual, quais?
<i>Pi?</i>	=	onde?; aonde?; donde?; por onde.
<i>Ndati?</i>	=	Como?

**Exemplos:**

<i>Helye wotangisa?</i>	=	Quem o ensinou?
<i>Wosala ndati?</i>	=	Como passaste?

#### 2.2.2.2. FRASES SEM MORFEMA INTERROGATIVO

Neste caso, as frases interrogativas constroem-se da mesma forma que as frases afirmativas, e diferem destas, apenas pela utilização de uma entoação final como marcador de questionamento.

**Exemplos:**

<i>Walanda?</i>	=	Compraste?
<i>Kwandlele konjo?</i>	=	Não foste a casa?

Pode observar-se em umbundu que, morfemas interrogativos são muitas das vezes usados como sufixos.

**Exemplos:**

<i>Wanenanye?</i>	=	O que trouxeste?
<i>Walandanye?</i>	=	O que compraste?
<i>Wandelepi?</i>	=	Por onde foste?

**Quadro 12 - Posicionamento dos Pronomes Interrogativos**

	PORTUGUÊS	EXEMPLOS	UMBUNDU	EXEMPLOS
POSIÇÃO DOS MORFEMAS INTERROGATIVOS (PRONOMES INTERROGATIVOS )	GERALMENTE COLOCAM -SE ANTES DO VERBO	<b>Quem</b> veio?	TOMAM A POSIÇÃO PRÉ-VERBAL OU PÓS-VERBAL	<i>helye weya?</i> <i>Weya helye?</i>
	NÃO SE SUFIXAM	<b>Que</b> trouxeste?	PODEM SUFIXAR -SE	<i>Wanenanye?</i> <i>nye wanena?</i>

### 2.2.3. Voz Activa e Passiva

Voz é a forma verbal que indica se o sujeito do verbo é quem realiza a acção ou a sofre. Assim, temos:

**Voz activa** – indica que o sujeito pratica a acção expressa pelo verbo.

**Exemplo:** A Joana lavou o copo.

**Voz passiva** – indica que a acção expressa pelo verbo é sofrida pelo sujeito.

**Exemplo:** O copo foi lavado pela Joana.

Nota-se que:

- Apenas os verbos transitivos admitem transformação de voz;
- O **objeto directo** da voz activa é o sujeito da passiva;
- O **sujeito** da voz activa é o **agente da passiva** na voz passiva, sendo regido pela preposição **por** ou **de**;
- Em português, o *verbo simples* na voz activa passa para a *forma composta*, tendo o verbo principal no particípio passado e um verbo conjugado.

Exemplos:

VOz ACTIVA				
SUJEITO	+	VERBO	+	OBJECTO DIRECTO
O rato		roeu		o livro

VOz PASSIVA				
SUJEITO	+	VERBO	+	AGENTE DA PASSIVA
O livro		foi roído		pelo rato

Em umbundu também podemos observar formas verbais que indicam se o sujeito é quem realiza a acção ou a sofre. Portanto, existe a voz activa e a voz passiva através da extensão derivacional **w**.

Exemplos:

<i>Ongato yalya omuku</i>	=	o gato comeu o rato
<i>Omuku yaliwa longato</i>	=	o rato foi comido pelo gato

Nota-se que algumas transformações verificadas na passagem da voz activa para a voz passiva em português, dão-se também em umbundu.

Porém, o verbo na voz passiva não se apresenta na forma composta, mas sim numa das suas extensões verbais<sup>5</sup>.

O agente da passiva não é regido por preposição, mas esta, infixa-se naquele.

<sup>5</sup> Cf. extensão verbal (2.1.5.1)

A preposição **por** ou **de**, regentes próprios do agente da passiva, em umbundu equivalem a preposição I' = **com**.

Exemplos:

VOz ACTIVA				
SUJEITO	+	VERBO	+	OBJECTO DIRECTO
<i>Ombwa</i>		<i>yalya</i>		<i>ositu</i>
O cão		comeu		a carne

VOz PASSIVA				
SUJEITO	+	VERBO	+	AGENTE DA PASSIVA
<i>Ositu</i>		<i>yaliwa</i>		<i>lombwa</i>
A carne		foi comida		pelo cão

#### 2.2.4. Frases Copulativas

Em português as frases copulativas resultam dos *verbos de ligação*, ou *copulativos* que servem para unir o sujeito predicativo na oração. Esses verbos, por si, não acrescentam uma ideia nova ao sujeito, pelo que são designados ainda por verbos de *significação indefinida*, (Monteiro e Pessoa, 1999:24).

Exemplos:

Este livro <b>é</b> muito bom, <b>é</b> uma obra-prima.
<b>Estou</b> feliz.
<b>Andamos</b> todos a sofrer.

O umbundu faz uso frequente de construções fráscas simples que se particularizam pela ausência do verbo.

Essas construções são formadas por elementos não-verbais e que funcionam na frase como predicados verbais com todas as características de uma forma verbal.

Os elementos de seguintes categorias gramaticais, prestam-se a esta função de predicado verbal: **nomes, adjetivos, pronomes, índices de sujeito**. O emprego desses elementos é atestado nas construções que expressam: a identificação, a categorização, etc. Porém, a identificação destes elementos rege-se pelo tom característico neste contexto.

Exemplos:

a) Frases em relação a expressão de **identificação**:

<i>Ame ndumunu</i>	=	eu <b>sou</b> homem
<i>Ove umõla ange</i>	=	tu <b>és</b> meu filho

b) Frases, expressando a **categorização**:

<i>Ove ulongisi</i>	=	tu <b>és</b> professor
<i>ise yove amesene</i>	=	o teu pai é pedreiro

**Quadro 13 - Diferenças de Frases Copulativas**

	PORTUGUÊS	EXEMPLOS	UMBUNDU	EXEMPLOS
<b>REPRESENTAÇÃO DOS COPULATIVOS</b>	POR VERBOS DE LIGAÇÃO: <i>Ser, eStAr, etC.</i>	Tu <b>és</b> professor. Ele é baixo.	ATRAVÉS DE ELEMENTOS NÃO - VERBAIS: <i>nOmeS, AdjeCtiVOS, PrOnOmeS</i> E <i>índiCeS de SUjeitO</i> COM UM <i>tOm CArACteríStiCO</i>	<i>Ove ulongisi</i> <i>Eye umbumbulu</i>

# CAPÍTULO III

REFLEXÕES DIDÁTICO-METODOLÓGICAS



## CAPÍTULO III - REFLEXÕES DIDÁCTICO-METODOLÓGICAS

### 3.1. Propostas Para a Aplicação da Pedagogia Preventiva

Pedagogia «designa a ciência da educação da criança e a arte e a técnica de ensinar. De uma forma mais geral, a pedagogia é a reflexão sobre teorias, os modelos, os métodos e as técnicas de ensino para lhes apreciar o valor e lhes procurar a eficácia. A pedagogia destinase a melhorar os procedimentos e os meios com vista à obtenção dos fins educacionais» (Marques, 2000: 145).

No exercício de qualquer actividade há sempre algo de que se deve prevenir. Tomamos exemplo de um electricista que tem de se prevenir de uma queda depois que haja um curto-circuito, para isso, é necessário antes uma luva, um alicate com isolador térmico, um cinto, enfim, outros instrumentos para prevenir-se de acidentes laborais. O mesmo acontece no processo de ensino aprendizagem.

À luz daquela definição (pedagogia), dá-se o conceito do que é a pedagogia preventiva, aquela que vai caracterizar todo um conjunto de procedimentos tendentes a reger o ensino de português numa perspectiva de prevenir que o erro aconteça.

Certo que os erros acontecem, (erros ortográficos, erros de conteúdo, etc.). Estamos a referir-nos aos erros que se prendem com a não obediência às regras gramaticais do português padrão; erros de interferências de uma língua bantu no português.

Daqui que comumente, o professor, depois de identificar um erro daquela natureza, utilize uma pedagogia estritamente correctiva, que poderá encerrar o aluno num universo de aborrecimento ou inibição; ao contrário, propõe-se uma pedagogia preventiva (prevenindo que o erro aconteça), isto é, a promoção de estratégias que permitam evitar esse problema.

A pedagogia é uma realidade dinâmica. Ela faz-se na escola, na vida de todos os dias. É uma construção social que engloba pais, professores e alunos. A pedagogia é um acto colectivo, acto de participação e o mesmo acontece com a didáctica da língua.

A didáctica não é qualquer coisa de absoluto e já feito. Não são os gramáticos que fazem a língua, é o povo, é a vida social, (Atlas, 1976: 513). Nesta medida, torna-se cada vez mais necessário não nos fixarmos na posição cómoda de recebermos regras absolutas universais e mecanicamente aplicáveis.

Cada escola é uma realidade específica; cada professor é um artista que objectiva promover estratégias que apontam para uma autonomia do próprio aluno, no processo de ensinoaprendizagem.

O **ensino da língua** deve partir sempre da noção de que a língua é, ao mesmo tempo, um instrumento de comunicação e de representação (Figueiredo, 2005: 155) e procura estabelecer o equilíbrio entre estas duas funções da linguagem. Esta vertente vai ao encontro de finalidades consignadas nos programas de ensino; por um lado, desenvolver as capacidades de comunicação

do aluno; por outro lado, desenvolver um conhecimento estruturado do sistema de representação que constitui a língua.

Um professor competente em matéria de língua é aquele que não se contenta em impor definições e regras, mas aquele que se apoia num saber real e dirige os seus alunos de modo a fazê-los descobrir as regras de funcionamento da língua. É esta a «condição sine qua non» do sucesso da aprendizagem da língua, (Olívia Figueiredo, 2005:110).

A competência adquire-se na prática, e no que diz respeito ao ensino, na prática pedagógica. Desta feita, os alunos esperam que o professor lhes ensine essencialmente a língua que eles têm de falar e compreender, ler e escrever, o português contemporâneo.

O pedagogo, professor de português, deve levar em conta os trabalhos de linguística geral, que o informam sobre o funcionamento das línguas e os trabalhos de linguística descritiva do português e das línguas bantu, em geral, e em particular do umbundu, e partindo das realizações do discurso, descobrir a organização da língua, o que lhe permite ter uma visão mais clara de seu sistema.

Como toda a situação docente comporta pelo menos dois protagonistas, *o aluno* e *o professor*, de entre tantas variáveis do processo de ensino-aprendizagem, e pressupõe um bom conhecimento da matéria a ensinar (para nós a língua portuguesa) e do modo de a ensinar, apresentamos algumas propostas para a aplicação da pedagogia preventiva no ensino do português, com exemplos práticos:

O ideal será que:

1. O professor de Língua Portuguesa ensine a gramática, partindo sempre de um contexto (frases, textos, revistas, composições, excertos, etc.) evitando a compartimentação.
2. O professor leve o aluno a identificar o conhecimento gramatical que este já possui, de forma a que sobre ele elabore conhecimentos mais completos e operativos.
3. O professor de português, interiorize no aluno o conhecimento gramatical, para torná-lo capaz de relacionar diferentes critérios morfológicos e sintáticos, etc. de forma combinada e significativa.

### 3.1.1. Sugestão de um Plano de Aula

#### Plano de Acção Didáctica

##### 1.1. Unidade Didáctica – Relações do homem com a Natureza

**Subunidade** – O homem e o ambiente

##### 1.2. Conteúdos:

- Estudo do texto «Hora di Bai», pag. 97, in Conhecer e Crescer.
- Preposições e suas contracções.

### 1.3. Objectivos Comportamentais:

- Interpreta o texto
- Identifica preposições
- Usa preposições

### 1.4. Estratégias:

1.4.1. Meios: mapa de África, livro de textos, etc.

1.4.2. Actuações:

#### 1.4.2.1. Motivação (inicial e de continuidade)

- Conversa baseada ao tema: A seca e as suas consequências; constante interpelação dos alunos através de perguntas, resolução de exercícios, etc.
- Apresentação do texto

#### 1.4.2.2. Leitura

- Oral pelo professor e silenciosa pelos alunos
- Oral pelos alunos

#### 1.4.2.3. Análise vocabular

1) Localiza-se no texto a seguinte expressão: «... aquele

milho cobrindo sequeiros e regadios.»

a) Os alunos analisam a relação de sentido entre as duas palavras sublinhadas.

R: Sequeiros antónimo de regadios

2) Exercício de reemprego:

a) Formar uma frase com a palavra ânsia.

#### 1.2.2.4. Interpretação do texto:

Será feita com base em diversas perguntas, como por exemplo:

O que se estava a passar em Cabo Verde?

#### 1.4.2.5. Análise gramatical:

1) O professor escreve no quadro as seguintes expressões que se seguem, ao mesmo tempo que serão localizadas no texto:

«... porto de salvamento».

«... a água a crescer na boca...».

«... cachos pendidos em arco...».

«... arrastados até junto do mar...».

2) Pede-se aos alunos que analisem e descubram a importância das palavras sublinhadas; e como ficariam as expressões sem estas palavras?

3) Outras Frases. O professor escreve no quadro as seguintes frases com lacunas que os alunos preencherão com a sua ajuda:

Iam ..... o litoral ..... esperança ..... encontrarem qualquer coisa.

Estavam ..... vontade de trabalhar.

4) Designação das preposições. Faz-se a análise morfológica de algumas palavras dessas frases, para se chegar à conclusão de que essas palavras invariáveis que estabelecem uma relação entre duas palavras, recebem o nome de preposições. E podem contrair-se com artigos e pronomes.

- Elaboração de um esquema síntese com a participação dos alunos (que não de elaborar as suas definições):

### Síntese Final

## Preposições e suas Contrações

DEFINIÇÃO	LISTA
PALAVRAS INVARIÁVEIS QUE ESTABELECEM UMA RELAÇÃO ENTRE DUAS PALAVRAS	a, até, após, com, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás
JUNÇÃO DE UMA PREPOSIÇÃO SIMPLES COM UM ARTIGO (DEFINIDO OU INDEFINIDO ) OU COM PRONOMES	a + a = à; a + o = ao; de + o = do; de + uma = duma; de + este = deste; em + o = no; em + aquele = naquele; por + o = pelo, etc.

### 1.4.2.6. Verificação e controlo

Através da permanente interpelação dos alunos:

- da resolução dos exercícios;
- da construção da síntese final.

### 1.4.2.7. Fixação e integração

Feita com base em exercícios como:

1) Complete com **a** (contraído ou não com o artigo) ou **para** (para ensinar aos alunos o uso correcto das preposições e suas contrações):

a) Vou ..... casa buscar o casaco e já volto

R: a

b) Quem é que vai ..... Nosso Super?

R: ao

c) Ele vai ..... escola todos os dias.

R: à

d) São 18 horas. Vou ..... casa.

R: para

e) A casa de banho é ..... direita ou ..... esquerda.

R: à

2) Complete com **para** ou **por** (contraído ou não):

a) O comboio ..... a Matala parte às 9 horas.

R: para

b) Este taxi passa ..... hospital.

R: pelo

c) A estrada reabilitada passa ..... minha casa.

R: por

3) Complete com **de** (contraído ou não com artigo) ou **em** (contraído com artigo) a) Sai .....

casa às 10 horas.

R: de

b) Ontem saí ..... escritório muito tarde.

R: do

c) Vem ..... avião das 7 horas.

R: no

4) Preencha com **a**, **de** ou **em** (contraídos ou não com o artigo).

a) Estudo ..... tarde.

R: à

b) A votação começou ..... 7 horas ..... manhã e acabou ..... meia-noite (24h00).

R: às, da, à

c) A maioria das pessoas faz férias ..... estação seca, mais precisamente ..... Agosto.

R: na, em

5) Complete com **para** ou **por** (contraído ou não com o artigo).

a) Alugamos a casa ..... dois meses.

R: por

b) Eles disseram que voltaram ..... sete da tarde.

R: pelas

c) ..... o ano acabo o curso na universidade.

R: para

#### **1.4.2.8. Sumário (proposto pelos alunos)**

- Leitura, vocabulário e interpretação do texto «Hora di Bai», pag.97;
- Preposições e suas contracções



# CAPÍTULO IV

CONCLUSÕES



## CAPÍTULO IV - CONCLUSÕES

### 4.1. Conclusões

Este estudo comparado do umbundu e do português, deu-nos uma visão alargada de que uma língua é um conjunto de elementos que se combinam, se articulam e funcionam segundo determinadas regras.

A coabitação linguística, no nosso país, influencia a aprendizagem da Língua Portuguesa. O aprendente desta língua transfere os hábitos linguísticos já enraizados para o novo sistema.

À luz da nossa experiência docente, isto verifica-se tanto para os alunos que têm o umbundu como L1 quanto para aqueles que têm o português como L1.

Por outro lado, as interferências da língua materna não são afastadas por recorrer-se frequentemente a tradução, e ao processo muito usual que consiste em fazer descobrir as estruturas da língua segunda a partir da língua primeira.

Desta feita, concluímos que:

1. Pelo facto de a marca do plural em umbundu ser prefixada ao nome, a tendência de falantes é de fazer tal prática no português. (cf.pp. 29 e 36)

Verifica-se a omissão do morfema | s | nos nomes, marca do plural em português, isto porque nas línguas bantu, o morfema do plural é prefixado ao radical do nome.

2. Como os prefixos locativos **pu-**, **ku-**, **vu-**, equivalem em português a preposições **para**, **em**, e **à**, daí que um falante bilingue geralmente, não consegue fazer a diferenciação entre as diversas funções destas preposições. (cf.p. 48)

Nota-se, no entanto, que esses locativos estão direccionados para a contracção prepositiva **no**.

3. Um fenómeno muito frequente é o que se liga à utilização do pronome pessoal, em função de objecto directo e o mesmo em função de objecto indirecto. (cf. p. 55)

Na totalidade dos exemplos que acabamos de ver, constata-se na variante angolana em relação ao português padrão que, o pronome não é nunca **enclítico**, mas **proclítico**.

4. Podemos concluir que o uso frequente da anteposição das formas **pronominais** na construção frásica angolana, é característico nas composições e redacções da população estudantil, tanto do ensino primário bem como do I ciclo; quiçá do II ciclo.

5. No umbundu, pelo facto da inexistência do tratamento cerimonioso para a terceira pessoa do singular, representado em português por **|você|**, confunde-se, entretanto, o **|tu|** por **|você|**. (cf.pp. 53 e 54).

6. O numeral cardinal é frequentemente utilizado como o numeral ordinal porque em umbundu a formação do numeral ordinal tem como base o numeral ordinal. (cf.p. 62)
7. Nos verbos reflexivos, o único morfema **li** que precede imediatamente o radical do verbo, tem funções ora **reflexiva** ora **recíproca**. (cf.p. 68).

De facto, desenvolvemos bastante esforço para dar uma ideia de algumas particularidades da morfologia e da sintaxe do umbundu e do português, tentando fazer uma análise do fenómeno de contacto de línguas que caracteriza a sociedade angolana.

Estamos conscientes de que o nosso estudo, não sendo de modo nenhum exaustivo, deverá prosseguir. Na realidade, este trabalho é uma contribuição ao estudo, mais geral, de transferências de hábitos linguísticos, resultantes do problema do contacto de línguas em Angola.

Do ponto de vista linguístico e pedagógico, pensamos que a formação de professores em ensino do português no nosso país necessita, também, de obras do género para um melhor enquadramento metodológico, tendo em conta a coabitação entre as línguas bantu e a língua portuguesa.



# BIBLIOGRAFIA



## BIBLIOGRAFIA

- ACTAS, 1º Encontro Nacional para a Investigação e Ensino do Português, s/l, 1976.
- AMOR, Emília, Didáctica do Português-Fundamentos Metodológicos, Texto Editora, 2ª edição, Lisboa, 1994.
- BORREGANA, António Afonso, Gramática Universal – Língua Portuguesa, Texto Editora, Lisboa, 1996.
- CABIÇO, José, CHAGALA, António de Carvão, e NIHORO, Manuel, Uma breve Gramática da Língua Takuane.
- CAMARA, Jr., Joaquim Matoso, Dicionário de Linguística e Gramática, Editora Vozes, 26ª edição, Brasil, 2007.
- CARDEIRA, Esperança, O Essencial sobre a História do Português, Editorial Nzila, Luanda, 2006.
- CARRASCO, Agnelo Subsídios para o estabelecimento da norma do português em Angola Lubango, 1988.
- COIMBRA, Olga Mata e COIMBRA, Isabel, Gramática Activa I, Lidel- edições técnicas, 2ª edição, Lisboa, 2000.
- COIMBRA, Olga Mata e COIMBRA, Isabel, Gramática Activa II, Lidel edições técnicas Limitada, Lisboa, 2000.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley, Nova Gramática do Português Contemporâneo, Edições João Sá de Castro, 15ª edição, Lisboa, 1999.
- FIGUEIREDO, José Nunes e FERREIRA, António Gomes, Compêndio de Gramática Portuguesa, Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1966.
- FIGUEIREDO, Olívia, Didáctica do Português Língua Materna, Edições ASA, 1ª edição, Lisboa, 2005.
- FREITAS, Maria João e SANTOS, Ana Lúcia, Contar (historias de) sílabas, Edições Colibri e Associação de Professores de Português, Lisboa, 2001.
- GALLISSON, R. e COSTE, D., Dicionário de didáctica das línguas Livraria Almedina, Coimbra, 1993.
- GENOVRIER, Emile e PEYTARD, Jean, Linguística e Ensino do Português, Livraria Almedina, Coimbra, s/d.

GONÇALVES, Perpétua, Aspectos da sintaxe do Português de Moçambique, Em: Introdução à linguística geral e Portuguesa, Organização de Isabel Hub Faria, Emília Ribeiro Pedro, Inês Duarte e Carlos A. M. Gouveia, Lisboa, CAMINHO, pp. 313-322, 1996.

Gramática Básica da Língua Portuguesa, Luanda Editora, 1ª edição, Luanda, 2003.

Gramática Fácil da Língua Portuguesa, Luanda Editora, 1ª edição, Luanda, 2004.

GUENNEC, Gregore Le e VALENTE, José Francisco, Dicionário Português-Umbundu-Luanda, 1972.

HENDERSON, L. W, Dicionário Prático Português-Umbundu, Tipologia Azevedo, Luanda, s/d.

INIDE- Ministério da Educação, Conhecer e Crescer 5ª e 6ª classe, EDIMEL, E.P., Lobito, R. Angola, 2003.

KUKANDA, Vatomene, Notas de Introdução à linguística bantu, UAN, ISCED, Lubango, 1986.

LETRA, Carlos A. Prof. Gailivros nas Férias “2º Ano de Escolaridade”, Lisboa, s/d.

LUPENHA, Abílio, Ovimbundu, Origem de Simbologia, Lubango, 2002.

LUSAKALALU, Pedro, Línguas e Unidades Glossonímicas, Editorial Nzila, 1ª edição, Luanda, 2005.

MAGALHÃES, Olga e COSTA, Fernanda, Língua Portuguesa 10ª Classe - Reforma Educativa, Porto Editora, Porto, 2003.

MALUNDU, Moisés, Os Ovimbundu de Angola: Tradição e Cultura Orgativa, Edizion Vivere in, 1ª edição, Roma, 2005.

MARQUES, Ramiro Dicionário Breve de Pedagogia, Editorial Presenças, 1ª edição Lisboa, 2000.

MATEUS, Maria Helena Mira e VILLALVA, Alina, O Essencial sobre Linguística, Editorial Nzila, Luanda, 2006.

MATEUS, Maria Helena Mira, Uma Política de Língua para o Português, Editorial Colibri, Lisboa, 2002.

MESQUITA, Helena; KIZELA, Maria Lilliana e SILVA, Madalena, Caderno de Actividades 6ª classe, Porto, 2007.

MINGAS, Amélia A., Interferência do Kimbundu no Português falado em Lwanda, Luanda, CAXINDE, 2000.

MONTEIRO, Deolinda e PESSOA, Beatriz, Guia Prático dos Verbos Portugueses, Lidel Edições Técnicas, 5ª edição, Lisboa Porto Coimbra, 1999.

NERICI, Imídio G., Didáctica Geral Dinâmica Atlas S.A. São Paulo, 11ª edição, Brasil, São Paulo, 1992.

- NGUNGA, Armindo, *Introdução à Linguística Bantu*, Maputo, Imprensa Universitária, 2004.
- NTONDO, Zavoni e FERNANDES, João, *Angola, Povos e Línguas*, Editora Nzila, 1ª edição, Luanda, 2002.
- NTONDO, Zavoni, *Morfologia e Sintaxe do Ngangela*, Editorial Nzila, Lda, 1ª edição, Luanda, 2006.
- NUNES, Cármen, OLIVEIRA, Maria Luísa e SARDINHA, Maria Leonor, *Nova Gramática de Português*, Didáctica Editora, 2ª Edição, Lisboa, 1995.
- NUNES, José Joaquim, *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)* Livraria Clássica Editora, Lisboa [1969: 7ª].
- PINTO, José Manuel de Castro e LOPES, Maria do Céu Vieira, *Gramática do Português Moderno*, Plátano Editora, 6ª edição, Lisboa, 2005.
- PINTO, José Manuel de Castro, *Gramática do Português Moderno «Ensino Básico e Secundário»*, Plátano Editora, 3ª edição, Lisboa, 2003.
- SANTOS, José Eduardo dos, *Discurso do III Simpósio Sobre Cultura Nacional*, Ministério da Cultura, 1ª edição, Luanda, 2006.
- SCHADEBERG, Thilo C.A., *Sketch of Umbundu*, Köln, Rüdiger Köppe, 1990.
- TORRINHA, Francisco, *Dicionário de Língua Portuguesa*, Editorial Notícias, 2ª edição, Lisboa, 2001.
- VALENTE, José Francisco, *Gramática Umbundu - a Língua do Centro de Angola*, Lisboa, 1964.







## ANEXO

### Exercício 1

1.1. Complete com os artigos correspondentes: **o, uns, as, umas, os, um, a, umas** (para ensinar aos alunos a flexão em género e em número):

- a) ..... casa
- b) ..... carro
- c) ..... sapatos
- d) ..... lápis
- e) ..... flor
- f) ..... prédio

### Exercício 2

**Pronomes pessoais em forma de objecto directo** (para ensinar aos alunos, não só o uso correcto dos pronomes pessoais em forma de objecto directo e indirecto, mas também quando usá-los).

2.1. Complete com as formas correctas dos pronomes pessoais:

- a) Eu conheço o professor e o professor conhece .....
- R: me
- b) Tu conheces o professor e o professor conhece .....
- R: te
- c) Vocês conhecem a Sara e a Sara conhece .....
- R: vos

2.2. Substitua o *complemento directo* pelo pronome correspondente e faça as alterações necessárias.

- a) Fomos buscar *os nossos* amigos à estação.
- R: Fomos buscá-los à estação.
- b) Comeram *o bolo* todo.
- R: Comeram-no todo.

c) Deixei *a carteira e os documentos* na escola.

R: Deixei-os na escola.

d) Já não encontrei *o Pedro*.

R: já não o encontrei.

2.3. Substitua o *objecto directo* pelo pronome correspondente e faça as alterações necessárias.

a) Fomos buscar *os nossos amigos* à estação.

R: Fomos buscá-los à estação.

b) Comeram *o bolo* todo.

R: Comeram-no todo

c) Deixei *a carteira e os documentos* na escola.

R: Deixei-os na escola.

b) Já não encontrei *o Pedro*.

R: já não o encontrei.

### **Pronomes Pessoais em Forma de objecto Indirecto**

2.4. Complete com as formas correctas dos pronomes pessoais.

a) Eu preciso do dicionário. Podes emprestar- ..... ?

R: me

b) Tu precisas de 1000 kz. Vou emprestar- ..... 1000 kz?

R: te

c) Você quer informações. Vou enviar- ..... informações?

R: lhe

d) Nós recebemos a carta. Ela escreveu- ..... a carta.

R: nos

e) Eles querem conhecer a Leba. Vou mostrar- ..... a Leba.

R: lhes

Vocês querem ver a casa? Vou mostrar- ..... .

### Exercício 3

**Numerais cardinais e ordinais** (para ensinar ao aluno a saber que, para cada cardinal existe um ordinal correspondente).

3.1. Escreve por extenso os numerais ordinais correspondentes a cada um dos numerais cardinais.

a) 2 .....

R: segundo

b) 7 .....

R: sétimo

c) 10 .....

R: décimo

d) 11 .....

R: décimo primeiro

e) 16 .....

R: décimo sexto

f) 20 .....

R: vigésimo

g) 34 .....

R: trigésimo quarto

h) 40 .....

R: quadragésimo

### Exercício 4

**Conjugação pronominal reflexa; colocação do pronome** (para ensinar ao aluno que, para cada pronome pessoal em forma de sujeito, existe um pronome reflexo correspondente, e fazer o uso correcto da ênclise, próclise e da mesóclise).

4.1. Responda com o verbo da pergunta:

a) Eu levanto-me às 7 horas. E tu? ..... às 7 horas.

R: Eu também me levanto

Paulo Chuva GonGa Joaquim | Sara Luís

b) A que horas é que nos encontramos? ..... às 11 horas.

R: Encontramo-nos

c) Onde é que nos sentamos?

Tu ..... aí e eu ..... aqui.

R: sentas-te; sento-me.

d) Vocês deitam-se muito tarde?

Não, ..... sempre cedo.

R: deitamo-nos

e) Já se lavaram, meninos? Ainda não ..... R: nos

lavamos

Exercício 5

**Frases interrogativas** (para ensinar ao aluno as regras de formulação de frases interrogativas).

5.1. Complete com: quanto(s), como, onde, qual, quem, a que horas, quanto tempo:

a) ..... é o bilhete de ida e volta? (são 1500 kz)

R: quanto

b) ..... é que se chama?

R: como

c) ..... demora a viagem? (duas horas)

R: quanto tempo

d) ..... está a minha pasta? (está em cima da mesa)

R: onde

e) ..... é a profissão dele? (é médico)

R: qual

f) ..... chega o avião? (às 9 horas)

R: a que horas

g) ..... te disse? (foi o meu irmão)

R: quem

### Exercício 6

**Voz activa e voz passiva** (para ensinar o aluno a conhecer que existe uma condição básica para que a frase na voz activa mude para a voz passiva).

6.1. Faça frases na voz passiva:

a) A nossa equipa ganhou o 1º prémio.

R: O 1º prémio foi ganho pela nossa equipa.

b) As crianças da primária fizeram os desenhos.

R: Os desenhos foram feitos pelas crianças da primária.

c) O clima da região atrai muitos turistas.

R: Muitos turistas são atraídos pelo clima da região.

6.2. Responda com uma frase na voz passiva:

a) Foste tu que pagaste o jantar? .....

R: Sim, o jantar foi pago por mim

b) Foi o Pedro que encontrou os documentos? .....

R: Sim, os documentos foram encontrados pelo Pedro.

c) Fui eu que parti o vidro? .....

R: Não, o vidro não foi partido por mim.



Para este trabalho tivemos os seguintes objectivos: identificar diferenças e semelhanças entre os dois sistemas linguísticos; identificar algumas interferências do umbundu na prática do português e propor aos professores de Língua Portuguesa algumas pistas para a aplicação de uma pedagogia preventiva.

A adequação linguística e o conhecimento da estrutura de uma língua e as regras de seu funcionamento e, sobretudo algumas interferências que resultam da coabitação linguística, achamos que, continuam a ser uma necessidade e preocupação de vários estratos sociais: professores de Língua Portuguesa, actuais professores de Línguas Nacionais, estudantes, jornalistas, advogados, juizes, procuradores, pastores, sacerdotes, administradores e outros pesquisadores.

Do estudo comparado de alguns aspectos da morfologia e da sintaxe do umbundu e do português, ressaltamos:

- O sistema de classes nominais através de morfemas de natureza prefixal (prefixos nominais) como a principal característica que distingue a morfologia e a sintaxe do umbundu da do português. Esta distinção é que determina as regras de concordância e de funcionamento das palavras dentro da frase.

Apresentamos ainda, algumas propostas para a aplicação da pedagogia preventiva no ensino do português com algumas sugestões de trabalho para prevenir o professor de diversas construções interferidas.

Entretanto, neste trabalho procuramos dar uma ideia de algumas particularidades da morfologia e da sintaxe do umbundu e do português, tentando fazer uma análise do fenómeno do contacto de línguas que caracteriza a sociedade angolana.



**EDITORA  
DAS LETRAS**  
*"Pensando o futuro"*

[www.editoradasletras.com](http://www.editoradasletras.com)



9 789897 621321 >